A E D U C A Ç Ã O P R É - E S C O L A R

Conferências proferidas em São Paulo, a convite do Prof. LUIZ CONTIER — Coordenador do Ensino Básico e Normal do Estado de São Paulo, no período de 31/3 a 11/4/75.

P e l a

Profª. SUZANNE HERBINIÈRE-LEBERT

Fundadora e atual vice - Presidente Mundial e Presidente do COMITÊ FRANCÊS da

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE EDUCAÇÃO PRÉ - PRIMÁRIA

(O M E P)

Patrocínio: -

I D E C - Instituto de Difusão Educacional e Cultural

L. P. C - Liga do Professorado Católico

A P E P - (O M E P São Paulo)-Associação Paulista de Educação Pré-Primária, filiada à O M E P - Brasil, com sede na Guanabara.

A.C.

T R A B A L H O S E F E T U A D O S

Coordenação: -

MARIA JOSEPHINA FUMAGALLI TAVOLIERI

MARIA THEREZA FUMAGALLI

Intérprete: -

CARMEM SYLVIA GUEDES

Tradução: -

ANESIA JUAREZ BRACCO

JULIETA LODUCA

LUCY DE ARAUJO LIMA DELDUQUE

MARIA AMÉLIA N. F. MONTEIRO DE CASTRO

MARIA JOSEPHINA FUMAGALLI TAVOLIERI

MARIA LUCIA NOGUEIRA

SILVANA MARIA LA TORRE

Revisão:-

DIVA FRANCISCA SGUEGLIA

LAURA MARZULO VALÉRIO

MARIA JOSEPHINA FUMAGALLI TAVOLIERI

Datilografia: -

AMÉLIA CHAMAS

Apostilamento e datilografia:-

Uma gentileza do Departamento de Educação e Recreio da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura do Município de São Paulo.

Z.S.

"UMA PROFESSORA DE ESCOLA MATERNAL DEVE SER CAPAZ DE:

- observar para conhecer

- conhecer para compreender

- compreender para responder às necessidades, além do essencial, que é amar as crianças "

Suzanne Herbinière-Lebert

1ª - CONFERÊNCIA

- A MISSÃO SOCIO-EDUCATIVA DA ESCOLA MATERNAL NA FRANÇA

Desejamos agradecer ao Prof. Contier a oportunidade de estarmos com os senhores, de volta a São Paulo, onde estivemos no ano passado e, de onde guardamos uma grande recordação. Reencontramos muitos amigos que já haviamos conhecido em outros Congressos e que hoje nos acolheram com flores e muito carinho.

Os educadores fazem parte de uma grande família e nós nos entendemos muito bem quando falamos em crianças.

Em conversa com o Prof. Contier, ele nos sugeriu como tema da primeira conferência —"A organização e o funcionamento da Escola Maternal na França".

O que vimos lhes dizer não deve ser tomado como exemplo, pois cada um deve ADAPTAR e não ADOTAR o que será narrado. Cada qual deve conhecer suas necessidades e adaptar, de acordo com elas.

Gostaríamos de dar um outro título à nossa conversa de hoje, ou seja: "A DUPLA MISSÃO SÓCIO-EDUCATIVA DA ESCOLA MATERNAL NA FRANÇA".

A educação pré-escolar se processa em estabelecimentos que se chamam Escolas Maternais. Esse têrmo "escola maternal" define bem a dupla missão da educação pré-escolar na França.

Uma lei, que data de 1886, define a escola maternal como um estabelecimento de primeira educação, para crianças de 2 a 6 anos. Mas, esta instituição já existia desde 1771.

Em vários países, estes estabelecimentos tiveram quase a mesma origem - atenderem a crianças cujas mães trabalhavam fora — assim, seu primeiro papel foi social. Sua história, na França, passa por várias etapas:

— Em 1825, fundou-se em Paris uma instituição social somente para crianças pobres cujas mães trabalhavam fora de casa. Um grande interesse envolveu este trabalho e professores primários foram convidados para colaborar e orientar as atividades.

— Em 1886 houve uma mudança total e essas instituições de caridade passaram a ser centros de educação, conservando, no entanto, sua missão social, recebendo um número de crianças cada vez maior, cujas mães precisam trabalhar fora. Esta revolução social que obriga as mães a deixarem as crianças, para trabalhar fora de casa, foi a causa principal do nascimento destas instituições, cuja missão é substituir a mãe durante o dia.

O regimento da Escola Maternal deve ser muito mais flexível do que o da Escola Primária. Precisa ser adaptado às necessidades das famílias. Em certas regiões industriais, onde o horário de trabalho se inicia às 7 horas da manhã e onde há mães trabalhando, a Escola Maternal também se inicia às 7 horas.

Existe, no entanto, um problema, pois a equipe de educadoras — que chamamos professoras de Escolas Maternais — deve trabalhar 27 horas por semana. Há, então, necessidade de uma outra equipe sócio-educativa que substitui as professoras quando terminam seu período de trabalho.

As crianças, que saem muito cedo de casa, necessitam de repouso e de cuidados especiais. Há então uma terceira equipe que se encarrega da higiene, do preparo das refeições, etc.

Nossas professoras são formadas em Escolas Normais que, não são mistas e preparam educadoras para o curso primário e pré-primário. O grau de instrução e o currículo são basicamente os mesmos para ambos os cursos.

Já que é necessário substituir o lar, deve-se pensar na alimentação das crianças, no preparo das refeições e no repouso, pois temos alunos de 2, 3 e 4 anos que precisam dormir após o almoço. Aos que permanecem na Escola até 6 horas da tarde, fornecemos um lanche, às 16 horas. Há também as rotinas de higiene durante todo o dia.

Assim, para substituir as professoras, existe a equipe de assistentes sócio-educativas e, para os cuidados materiais das crianças e a manutenção da Escola, há o pessoal de serviço.

A professora é paga pelo Estado e as assistentes sócio-educativase o pessoal de serviço estão a cargo das municipalidades. A equipe de serviço deve executar tudo o que for determinado pela

diretora da Escola, em função das crianças. Cada professora é encarregada de um grupo de crianças, selecionadas pela idade: 1º grupo — dos pequenos de 2 e 3 anos; 2º grupo — intermediário, de 4 a 5 anos; 3º grupo dos grandes, de 5 a 6 anos. Muitas prefeituras que se interessam por nossas Escolas Maternais, concordam em pagar uma auxiliar para cada professora. Lembramo-nos de ter acompanhado um grupo de professores alemães, em visita a uma Escola Maternal, numa cidade industrial ao norte de Paris — Santo Antonio, onde havia 5 professoras e 5 auxiliares. O que, no entanto, surpreendeu os professores alemães, foi uma bonita construção de 2 pavimentos, junto à Escola. Perguntaram-nos do que se tratava e respondemos que os professores na França, recebem não somente o salário, como também alojamento. Evidentemente, numa cidade grande como Paris, não se pode construir para alojar a todos, mas existe uma taxa acrescida ao salário que corresponde ao aluguel da casa. Sempre que se constrói uma Escola Maternal, há um apartamento para a diretora que é a responsável pela Escola durante o dia e a noite. A maior surpresa dos visitantes alemães foi, justamente, de saberem que, no térreo, vivia o zelador e no primeiro pavimento, a diretora, em apartamentos iguais, independentemente da posição de ambos.

O papel social não se limita à Escola, pois nos preocupamos muito com a saúde de nossos alunos. Muitos municípios pagam assistentes sociais que, juntamente com os médicos, trabalham para o bem estar de nossas crianças.

Temos em ocasiões especiais, "escolas ao ar livre". Em Paris e outras cidades maiores, as crianças vivem fechadas em apartamentos. Necessitam, portanto, de oportunidades que são oferecidas pelas Prefeituras. Foram comprados grandes terrenos no campo e construídas "escolas ao ar livre". Quando os médicos examinam as crianças e observam aquelas que embora não estejam doentes, se apresentam pálidas, cansadas, etc. são levadas para o campo, onde permanecem o dia todo, por um ônibus que as recolhe todas as manhãs.

Como exemplo, temos a cidade de Fontaine, onde (livre) existem 5 escolas. O ônibus recolhe, nas 5 escolas, as crianças selecionadas e as leva para o campo, onde passam todo o dia, com um controle muito rigoroso de alimentação e repouso. À noite, o ônibus as traz de volta às respectivas escolas, onde os pais as recebem para levá-las pa-

ra casa.

Há alguns anos, criamos 3 tipos de classes — brancas, azuís e verdes. As classes brancas são as classes de neve. Levamos as crianças para as montanhas, Alpes ou Pirineus, onde praticam ski. É lógico que isto custa mais caro, pois exige pessoal responsável por cada grupo de crianças, assim como roupas, etc. e tudo é patrocinado pelas Prefeituras. Cada grupo de 40 alunos é acompanhado por professores, assistentes sociais, serventes, etc. Naturalmente que esta temporada, de 1 mês nas montanhas, produz milagres e essas crianças voltam todas com rostinhos corados e saudáveis.

As classes azuís são à beira-mar e as verdes, no campo, com funcionamento idêntico ao das brancas. Os médicos determinam que tipo de temporada as crianças devem ter — se nas montanhas, na praia ou no campo.

Além das Escolas Maternais proporcionarem estas oportunidades às crianças, há também as colônias maternais de férias.

Este é um dos papéis que a Escola Maternal vem desempenhando, da melhor maneira possível, há 200 anos.

Mas o papél educativo é o predominante. Até nós mesma, extranhamos a visão dos legisladores de 1886, quando frisaram que a Escola Maternal é um estabelecimento de 1ª educação — não apenas um local para se recolherem as crianças.

Numa de nossas palestras, falaremos, aos senhores, o que se passou em Genève, no Bureau Internacional de Educação. Atualmente, o Bureau Internacional de Educação e a UNESCO organizam o que se chama o encontro dos ministros de educação pública. Pela primeira vez, 88 países foram representados. Dois temas foram discutidos e estudados, sendo destinada uma semana para cada um.

O primeiro problema, levantado por vários países, foi - "o professor para uma classe única". Então, muitos se lembraram da Índia com 500.000 aldeias e com professores para classe única - Quantos professores seriam necessários para atender a todas elas?

O segundo tema foi a "Educação pré-escolar". A UNESCO foi quem sugeriu o tema. O diretor do Bureau Internacional de Educação era o Sr. Piaget, nosso grande amigo, há quase 40 anos, que nos

conhece muito bem, pediu-nos que assumissemos a presidência, e que, posteriormente apresentássemos o relatório das discussões. Foi, então, que propuzemos aos 88 ministros alí representados, e nós reprentávamos o nosso país — um texto composto de 46 artigos, redigido com a colaboração de 3 ou 4 membros, onde relatávamos todo o nosso pensamento sobre a educação pré-escolar. Foi uma semana excitante, com discussões de manhã até a noite. Finalmente, os 46 artigos foram votados por unanimidade. Esta foi uma grande vitória, pois acabaram aprovando a proposta que, desde o primeiro dia, vinham se opondo.

- "A Escola Maternal é indispensável a todas as crianças, pelo menos a partir do 3 ou 4 anos".

Acreditamos que a criança é um ser muito diferente do adulto e que vive inadequadamente no nosso mundo adulto. Na melhor das famílias, a criança nunca encontra seus iguais. Há uma hierarquia, os mais velhos e os mais jovens. Na Escola Maternal ela encontra seu próprio ambiente e toda a organização é baseada nela. É a única casa, na cidade, que deve ser planejada para as crianças. - Mas êste é um outro tema para nossas conferências.

Para cumprir o seu papel educativo, a Escola Maternal precisa de equipamento e instalações adequadas, desde o local, o prédio, os móveis e o material. As Escolas Maternais são construídas e equipadas pelas Prefeituras, mas é lógico que todas pedem uma subvenção ao Governo. Recebem de 30% a 80%. Em vista disso, o Estado fica com o direito de fazer exigências. Há um código, de obras, federal, relativo às construções escolares. Quando uma Prefeitura deseja construir uma Escola Maternal, deve submeter o projeto e todo o planejamento para aprovação do Ministério de Educação. Dar-lhes-emos maiores detalhes quando tratarmos da construção e do equipamento das Escolas Maternais. Podemos, no entanto adiantar, que todas devem ter uma sala de espera ou recepção para os pais, um escritório para a Diretora, se possível, uma sala especial para o médico e inspetor, um banheiro completo, além dos sanitários, uma sala de repouso com camas para que as crianças possam descansar após o almoço, cozinha, refeitório, e salas de jogos. Nas escolas primárias diríamos classes, mas em escolas maternais não devemos usar esta denominação - classe - pois a criança pequena aprende pela ação. Não se faz lição - esta palavra lição deve ser proibida. Tudo de

ve ser chamado de exercício. Fazemos exercício de canto, de desenho, mas nunca uma lição. Em Escolas Maternais não se transmite por palavras mas sim pela ação. Assim, as classes são chamadas - salas de **exercícios** - São necessárias tantas salas de exercícios quantos forem os grupos de crianças. Recentemente decidimos que, para o grupo de 3 e 4 anos, são necessárias duas salas conjugadas, podendo ser separadas até por uma cortina. Pensamos que as crianças de 2 e 3 anos, que estão psicológicamente muito distantes de nós adultos, são mais difíceis de serem compreendidas, mas se beneficiam muito na companhia de crianças maiores.

Na sala destinada aos menores de 2 e 3 anos, não há necessidade de muitas mesas e cadeiras. São suficientes tapetes no chão, caixas com brinquedos, um cantinho da boneca (cozinha por exemplo). Na outra sala, de 4 anos, já devem existir mesinhas, cadeiras, etc. Deve-se permitir que as crianças de 2 anos visitem as maiores e vice versa, tanto como observadoras, como para brincarem juntas. Nessa ocasião, uma professora observadora notará um grande intercâmbio entre as crianças — os pequenos, imitando os mais velhos e estes protegendo e cuidando dos pequenos.

Atualmente a "escola maternal" é muito bem sucedida em nosso país. É muito respeitada e apreciada não somente pelas autoridades como também pelos pais e pelo povo em geral. Todos querem que seus filhos frequentem a Escola Maternal. Vejam a percentagem de frequência — crianças de 5 e 6 anos, 98%; (não é obrigatória, mas todos a procuram); crianças de 4 e 5 anos, 60%; 3 e 4 anos 50% e de 2 e 3 anos 25%. Aumenta cada vez mais o número de alunos de 2 e 3 anos, pois cresce também o número de mães que trabalham.

Evidentemente não estamos realizados com a situação, pois desejamos um progresso cada vez maior. No momento, temos 2 grandes problemas.

Existem Escolas Maternais em todas as cidades, mesmo as menores. Quando se trata de uma vila, aproximadamente 500 habitantes, iniciamos uma classe especial. A França é um país repleto de pequenas vilas espalhadas pelas regiões montanhosas e todas desejam uma Escola Maternal. O que fazemos então? Para as crianças que já estão

em idade escolar obrigatória, 6 ános em diante, temos o que chamamos re

colhimento escolar. As crianças esperam em pontos determinados da estrada, por onde passa um ônibus que as recolhe e transporta até a escola mais próxima. Isso não se pode fazer com os pequeninos. Procuramos, então, soluções que varian de acordo com as regiões. Criamos uma escola numa das vilas, onde as crianças ficam de 9 da manhã até as 5 da tarde. Almoçam na Escola, mas não há ônibus para recolhê-las. Os pais as transportam, pois atualmente na França quase todos os camponeses possuem condução, ou fazem rodízios entre sí. Fizemos também uma experiência uma escola volante que passa por cada cidade 2 ou 3 vezes por semana. Dividimos o trabalho de modo que trabalhos manuais, e outras atividades mais simples, a mamãe se encarrega delas.

Há também a rádio-escolar. Pela rádio dá-se orientação às mamães. Quando contar ao senhores os nossos 8 anos de experiências em rádio-escolar, direnos também da nossa discussão, no último Congresso em Caracas, sobre o problema das distâncias entre as cidades na America Latina. Citaremos as experiências narradas pela Columbia, Guatemala e Costa Rica.

O nosso segundo problema, é o número cada vez maior de crianças que vêm às Escolas Maternais. Nossas classes são demasiadamente numerosas. Há uma lei, que data de 50 anos, que não permite eliminar crianças que se inscreveram para ingresso à Escola Maternal. Nessa ocasião, talvez, não se imaginasse que tantas crianças procurassem as Escolas Maternais.

Antigamente quando se desejava ameaçar uma criança, dizia-se: "Vou colocar você na Escola". Hoje acontece o contrário: "Se você não ficar bonzinho, não vai à Escola". Isso prova que a Escola Maternal descobriu e preencheu as necessidades das crianças.

Acreditamos que vocês já ouviram falar de nós através da OMEP — que quer dizer — ORGANIZAÇÃO MUNDIAL PARA A EDUCAÇÃO PRÉ PRIMÁRIA. Nós criamos essa organização, em 1948, para desenvolver a educação pré-escolar no mundo e, darmos consciência a todas as personalidades, especialmente ministros, da necessidade da Escola Maternal. Vimos mantendo esta luta constante na UNESCO, onde somos a delegada permanente da OMEP. Há uma ocasião muito importante, em que todos os paí-

ses estão representados, durante a Conferência de Novembro. Certa vez, participamos da reunião juntamente com os delegados africanos. Há vários anos, procuramos convencê-los da necessidade da Escola Maternal e êles me respondem sempre — "Isto é um luxo" — "Primeiro aprender a ler". Finalmente compreenderam que não se trata de um luxo. Visitamos sempre os países que nos convidam. Já fomos ao Senegal, à Nigéria e à República Sul Africana, onde levamos muitas idéias e sugestões. Reconhecemos,no entanto, que o mais importante são os recursos econômicos, para permitir sua realização. Sabemos que fazem parte de projetos para um futuro que, temos esperança de poder apreciar.

Os especialistas sabem muito bem que a educação pré-escolar é fundamental. Em nosso país, já conseguimos transmitir isto aos pais e ao povo. Mas sabemos que ainda existem dificuldades em conscientizar as outras autoridades governamentais e o público em geral. E, isto faz parte do trabalho da OMEP.

O balanço de 25 anos de trabalho da OMEP são os 40 comitês nacionais. Um dos mais antigos é o Comitê Brasileiro, cuja presidente é Mme. Laura Jacobina Lacombe, uma grande amiga, que fala um francês tão bom quanto o nosso. Ela dirige várias associações estaduais dêste grande país, que é quase um continente e, deve certamente, ter muito mais trabalho que nós, na França. E a prova do seu grande trabalho, é a presença aqui da presidente do Comitê de São Paulo, Prof. Diva Francisca Sgueglia.

Confidencialmente diremos que haverá o 1º grande Congresso Nacional em julho próximo, para o qual já fomos convidada. Será, para nós uma grande alegria poder voltar ao Brasil e falar aos brasileiros.

Nossa Escola Maternal tenta atender às necessidades das crianças, mas infelizmente nossas classes são muito numerosas. Nosso novo Ministro pretende providenciar para que, conosco ocorra o mesmo que nas Escolas Primárias, onde o número de crianças, por classe, não ultrapassa 25. Em algumas de nossas Escolas Maternais há 45 crianças por classe. É preciso esclarecer que é um número exepcional. Em geral isto ocorre nas cidades mais novas que surgem junto às grandes metropoles, especialmente nas redondezas de Paris. Supomos que o problema será brevemente solucionado.

Discutimos este assunto com amigos de diversos países, especialmente com os escandinavos e não chegamos a um acordo, pois eles acreditam que as classes não devem ter mais de 10 ou 15 crianças. Não concordamos com eles e vamos dizer porque: Perguntamos: "O que os senhores fariam se tivessem a demanda que nos temos?" e eles nos responderam: "Nós os recusaríamos".

Nenhuma professora da Escola Maternal pensou em recusar um aluno, mesmo sabendo que é muito mais exaustivo ter 45 crianças numa classe. Tentamos nos organizar, procurando a melhor maneira possível de atender às crianças, e sempre as recebemos.

Estivemos, no ano passado, em Londres e visitamos uma escola dirigida por uma de nossas amigas. Havia um grande e lindo parque para 3 classes, cada uma com 30 crianças. Perguntamos por que não construiam mais salas, aproveitando aquele enorme terreno e, nossa amiga nos respondeu, que fazia questão de conservar todo aquele parque para as 90 crianças. Acrescentou ainda que recusava centenas de alunos. Achamos realmente triste, esta atitude.

Não queremos fatigá-los muito e, combinamos que, após a nossa exposição, ficaríamos à disposição dos senhores para responder a todas as perguntas que desejarem fazer. Mas, encerrando esta seção, queremos acrescentar que nossas Escolas Maternais são gratuitas para todos os alunos, franceses ou não, independentemente de religião, ou ideologia política.

Temos, também, um dia por semana, em que a escola não funciona e as professoras não trabalham com crianças. Este dia é reservado, tanto nas Escolas Primárias como nas Escolas Maternais, para os pais que desejarem dar uma educação religiosa aos seus filhos, os encaminharem às igrejas para serem preparados pelos respectivos sacerdotes. A Escola Francesa é absolutamente leiga.

Como há mães que trabalham, nesse dia, a escola fica aberta para atender às suas necessidades, recebendo seus filhos. A professora não estará presente, mas há o pessoal de serviço e as sócio-educadoras que se encarregam deles. O mesmo acontece nas férias. Temos 15 dias, por ocasião do Natal, 15 dias, durante a Páscoa, e 10 semanas no verão.

No verão, quando levamos as crianças para a praia, há sempre os que ficam. Precisamos, então, de outra equipe. Atualmente temos 60.000 classes maternais e 160 inspetores especializados, cuja função principal é a formação permanente de professoras.

Agora estamos à disposição dos senhores para as perguntas.

P - Existem escolas particulares na França?

R - Sim, mas muito poucas. São pagas e possuem uma classe apenas. Não precisam seguir a mesma orientação que as escolas públicas. Fazem o trabalho como desejarem e estão diretamente ligadas ao Ministério da Saúde. As inspetoras as visitam apenas para verem as condições de higiene e instalações.

P - Foi colocado que nas Escolas Maternais trabalham três tipos de elementos — professoras especializadas, educadoras sociais e serventes. A professora é formada pelas escolas normais e os outros elementos que grau de instrução possuem?

R - O pessoal sócio-educativo não necessita necessariamente de uma formação especial. Cada municipalidade adota um critério. Em Paris há um curso de 3 meses que confere um certificado de habilitação para o cargo. Pode também ser ocupado por professoras aposentadas aos 55 anos, que desejam continuar trabalhando con crianças. Na França, a aposentadoria é aos 55 anos mas podem continuar trabalahando até os 60.
As senhoras de serviço, pagas também pela municipalidade, são contratadas pela diretora da Escola. Em geral vivem próximo ao estabelecimento. Devem, principalmente, gostar de crianças, ter higiene no trabalho, saber cumprir con responsabilidade a orientação da diretora, pois são encarregadas de todos os serviços em função da criança. Não precisam de formação especial.
O papel da diretora também é muito importante, pois é ela quem tem toda a responsabilidade da casa. É o que chamamos "gerente do imóvel". Recebe uma verba especial para a manutenção; é quem organiza a escola para as férias, programa o material e conservação do prédio. É responsável também, nas 4ªs. feiras, quando as professoras estão ausentes. Mantém contato com os pais, com as autoridades municipais e federais e com as inspetoras. Organiza reuniões de pais e professores. Quando a escola possui apenas 3 classes ela é responsável por uma delas.

P - A diretora então não tem férias?

R - Sim, no mesmo período que as professoras, menos às 4ªs. feiras.

P - Gostaríamos de uma explicação sobre a semana escolar na França.

R - Período integral às 2ªs, 3ªs, 5ªs e 6ªs feiras, e período da manhã, aos sábados, perfazendo um total de 27 horas semanais. Às 4ªs feiras, as professoras não comparecem à escola

P - Qual o total dos dias letivos exigidos?

R - São necessários 182 dias letivos por ano. Trabalhamos 3 horas pela manhã, 3 horas à tarde com 2 horas de intervalo.
Durantes às refeições, a diretora supervisiona o almoço.
Não mencionamos que há também uma cozinheira e uma auxiliar de cozinha. Elas servem as crianças auxiliadas pèlas serventes e mais uma sócio-educadora. Se o número de crianças for muito grande, então serão duas sócio-educadoras.

P - Quanto ganha uma professora e uma diretora?

R - Depende de uma série de fatores, mas a média é — para uma professora 2.500 francos e para uma diretora 3.500 francos.

P - E mais o alojamento?

R - Naturalmente. As residências das diretoras, em geral, são maiores e muito bem instaladas.

P - Qual a função das inspetoras?

R - As inspetoras visitam as classes e observam o trabalho das professoras, para darem conselhos pedagógicos e uma nota dé mérito. Esta nota é muito importante na ocasião de seleção de diretoras e promoções salariais. Às vezes, muito raramente, as professoras receben sérias advertências. Tivemos apenas um caso em toda a nossa vida.
O verdadeiro papel da inspetora é o preparo permanente de professoras. Quando falamos com professoras recém-formadas, contamos uma pequena experiência: "Senhoritas, quando passamos no exame de motorista, o inspetor de trânsito deu-nos a licença e disse:Madame, não se esqueça que a senhora ainda não sabe dirigir". E voltamos a repetir esta frase: "Vocês já possuem um diploma, mas não conhecem tudo a respeito da sua profissão". Temos diáriamente alguma coisa para aprender. A mais preciosa lição, foi a que recebemos de uma diretora que se aposentava. Eramos inspetora e falavamos de um método novo de leitura. Ela então nos disse: "Que pena, ter que me aposentar! Gostaria tanto de tentá-lo"! O espirito da inspetora é sempre procurar o melhor, embora cada uma tenha o seu sistema. Devem também inspecionar 80 escolas em 2, 3 ou 4 localidades diferentes.
Fazem reuniões de diretores mensais, auxiliam na resolução de problemas, organizam visitas e fazem intercâmbios entre escolas. Quase todas criaaram centros pedagógicos com bibliotecas especializadas. Quando surge algum livro novo e interessante sobre educação, três ou 4 professoras leem o livro e, estabelecem-se seminários e discussões. Há 10 anos, foi criado um cargo para auxiliar as inspetoras, especialmente na orientação de estágios de formandas. - São as conselheiras pedagógicas. Elas passam de uma classe para outra, de acordo com as necessidades.
A conselheira pedagógica é uma professora, com ótimas referências e desempenho, indicada pela diretora, para assumir o cargo.

P - O papel fundamental da Escola Maternal francesa é social ou educativo?

R - O predominante é o educativo. O papel social da Escola Maternal atinge mais as crianças cujas mães trabalham fora. O papel educativo é para todas as crianças.
Fizemos, certa vez, uma pergunta aos nossos alunos:
"O que faz o seu papai?"

E, todos eles responderam muito orgulhosos:

"O meu papai é aquele que varre as ruas da cidade".

"O meu, vende legumes no mercado".

"O meu, é médico".

"A minha mamãe faz a limpeza na casa de Madame...

"O meu, é professor na Sorbonne".

"O meu papai é embaixador".

A Escola Maternal francesa atende a todas as classes sociais. Outra experiência muito bonita foi por ocasião do Natal. As crianças cantavam e seus pais as ouviam. Vimos um amigo médico, sentado ao lado da sua faxineira, ambos presentes apenas como pais de alunos.

Mas, para finalizar, gostaríamos de lembrar que, nós educadores, devemos pensar sempre em termos de futuro, pois os alunos que temos hoje, serão os adultos do ano 2.000.

Pedimos licença para lhes fazer uma confidência. Chegamos muito cansada esta manhã, pois no avião que, nos trouxe como convidada, não éramos a única e não conseguimos dormir. Apesar deste cansaço, sentimo-nos, agora, muito bem, graças aos senhores. Foi um grande tônico. Temos até a ilusão de que quando falamos alto e pronunciamos bem as palavras, todos nos entendem perfeitamente.

FORMAÇÃO E ATRIBUIÇÕES DA EQUIPE DA ESCOLA MATERNAL

A equipe de trabalho de nossas Escolas Maternais constitui-se de Diretores, educadores, assistentes sociais, auxiliares e serventes. Vamos começar pelos mais simples:

Serventes e auxiliares: São os responsáveis pelos cuidados materiais e pela limpeza da Escola, assim como a cozinheira. Não se exige dêles uma formação especial. O indispensável é que sejam bons profissionais e que gostem de crianças. Escolhidos pela diretora da Escola, são pagos pela municipalidade.

Assistentes sociais: Pagos pela municipalidade, escolhidos pela Diretora da Escola com a aprovação da Inspetora da Escola Maternal. Sua formação é bem distinta. Podem ser professores aposentados aos 55 anos, que desejam continuar trabalhando até os 65 anos. Ou, são professoras que se afastaram quando tiveram filhos e desejam voltar a trabalhar. Em geral, são professoras formadas, que possuem o primeiro diploma que lhes dá o direito de lecionar. Sua função é substituir as professoras titulares em casos de doença, ou depois do término das aulas, enquanto os pais não chegam para buscar as crianças. Organizam jogos, contam estórias, cantam mas sòmente isto. Estas substituições só são feitas em prazos curtos e imprevistos. Em Paris, estas auxiliares ou assistentes sociais, fazem um pequeno curso de 3 meses.

Atualmente está em estudo um projeto de aproveitamento de pessoal diplomado em escolas técnicas, em geral moças que fazem 3 anos de estudos não especializados, para se ocuparem das crianças nos hospitais, sempre com o mesmo objetivo de recrear as crianças. São chamadas "animadoras" mas não professoras.

Professoras: São as verdadeiras responsáveis pelo trabalho educacional. Diplomadas pelas Escolas Normais cujos professores são catedráticos de nível universitário. Os candidatos às Escolas Normais são admitidos através de concurso após a conclusão do 1º grau.

São 2 anos de formação profissional em Escolas Normais Masculinas e Femininas. Não temos escolas normais mixtas na França. Em geral, o número de candidatas femininas é superior aos candidatos masculinos. Os alunos são remunerados desde o 1º ano de formação profissional.

O primeiro ano é mais teórico, as aulas são ministra-

das por vários professores e o currículo inclui além dos conhecimentos gerais, História da Pedagogia, Métodos Pedagógicos, Doutrina Pedagógica, Sociologia, em particular o estudo do meio familiar e local, pois sabemos que as professoras terão muito contato com os pais. Há também a Filosofia. No entanto, as matérias básicas são Francês, Matemática, História, Geografia e Ciências.

Todas as matérias abrangem 2 horas por semana, com excessão da Filosofia da Educação (3 horas semanais) e Pedagogia (10 horas semanais).

A Pedagogia inclui Psicologia da Criança e do Adolescente, pois estas professoras são preparadas para lecionarem do maternal ao 1º grau. Na França o ensino é obrigatório de 6 a 16 anos. O ciclo completo vai de 2 a 16 anos, gratuito.

As professoras são preparadas para lecionar desde 2 a 16 anos, abrangendo o ciclo completo; por esse motivo estudam Psicologia da Criança e do Adolescente . Embora não seja obrigatória, a Escola Maternal é considerada como um estabelecimento de educação e, portanto, é a base de todo o sistema educativo francês.

No primeiro ano da escola normal, há também uma parte prática que chamamos - estágio de observação - Isso significa que, por 15 dias, um grupo de alunos estará observando, numa escola. Junto das Escolas Normais, há geralmente Escolas Maternais e de 1º gráu, com equipes muito bem qualificadas e que são chamadas escolas pilotos ou escolas anexas, onde as normalistas observam o trabalho nas classes. Como não são suficientes para atenderem a todos os professorandos, pois estão localizadas nas grandes cidades, os Inspetores de escolas primárias e maternais indicam e recomendam as melhores de seus distritos, que são chamadas - classes de aplicação - onde também serão feitos os estágios. Estas classes de aplicação ficam nas cidades do interior, ou mesmo na zona rural, para que os normalistas possam conhecer os diferentes ambientes onde deverão trabalhar. Este estágio de 15 dias (ou duas semanas) dura o ano todo para que todos os alunos tenham a oportunidade de fazê-lo. É também permitido aos alunos do sexo masculino que se interessam por crianças menores, que observem em Escolas Maternais. A criança necessita tanto da mãe quanto do pai e, na OMEP, achamos que não devia haver apenas mulheres trabalhando nas Escolas Maternais. Os países escandinavos se orgulham de dizer que homens trabalham em suas escolas maternais. Perguntamos, então, a um di-

retor dinamarquês de uma Escola Maternal e de 1º gráu, quantos homens trabalhavam diretamente com as crianças em classes maternais e depois de um razoável silêncio, êle nos respondeu baixinho:.... "Nenhum!" Perguntamos novamente o "por quê", e êle nos respondeu que os salários pagos não são suficientes e, por esta razão, os homens não se interessam pelo trabalho. Pensamos, então, em convidar nossos alunos homens para visitarem as Escolas Maternais e somos obrigados a confessar que, depois de alguns dias, êles já estavam meio desinteressados pelo trabalho.

No entanto, no México que é um país onde a música e a dança são características, vimos um senhor que visitava a Escola uma vez por semana e tocava piano para as crianças dançarem e cantarem. Também nos Estados Unidos, assistimos, num pequeno atelier, a um rapaz trabalhando na marcenaria com as crianças. Este também vinha uma vez por semana. Naturalmente estes senhores atuam com muito sucesso.

As normalistas, durante o período de estágio, têm oportunidade de observar as professoras desempenharem o seu papel. Naturalmente, os diretores das Escolas se interessam pelas estagiárias e colaboram respondendo perguntas por elas elaboradas.

Terminado o estágio é feito um relatório do que viram, ouviram e sentiram durante o período de observação. Levam o relatório ao professor de Psico-Pedagogia e estabelecem seminários e discussões em grupos.

Durante o 1º ano, já se dá aos alunos uma boa orientação na escola da sua especialização. O estágio é feito nas Escolas de 1º gráu e de Maternal, para permitir aos alunos mais maturidade em sua escolha. No fim do 1º anos, faz-se então o exame de promoção.

A França é dividida em 91 departamentos e cada departamento possui uma Escola Normal masculina e uma feminina. Estas escolas funcionam em regime de internato. Sòmente em Paris não são internatos, pois os alunos moram perto das escolas que frequentam. Nos internatos há equipes de professores que constituem um "lar socio-educativo" e têm oportunidade de conviverem e observarem os alunos.

Para promoção para o 2º ano, não é suficiente apenas a aprovação no exame final, mas também a observação feita pelos professores sobre a vida diária no internato, a personalidade e a atitude do aluno. Durante todo o ano há um contrôle feito pelo professor de Psico-Pedagogia e por um conselho de professores que vai decidir se o aluno deve ou não pas

sar para o 2º ano. Em casos de doença, e naturalmente de um trabalho insuficiente, o Conselho tendo observado que o aluno tem possibilidades e vocação, permite que repita o 1º ano. Neste caso o salário é mantido.

O 2º ano já é mais prático do que teórico. 3 mêses do ano escolar são destinados ao que chamamos "Prática de Ensino" - continuam, no entanto, as aulas teóricas. Por 3 mêses, os alunos são responsáveis por uma classe, onde desempenham sozinhos, como professores titulares, o trabalho daquela classe. Estes 3 meses correspondem a 2 períodos de 6 semanas: isto permite o estágio em escolas maternais e de 1º gráu. Enquanto permanecem em prática de ensino, a diretora da Escola se interessa pelo seu trabalho, orientando e colaborando com os alunos. Há também as conselheiras pedagógicas itinerantes que passam de uma classe para outra. Permanecem nas classes de 2 a 4 dias, de acôrdo com as necessidades e dificuldades encontradas.

Durante o estágio também são visitados, pelo menos, 1 vez pela Inspetora especializada de 1º gráu ou Maternal. Terminado o estágio é feito o relatório geral com a Diretora da Escola que responde a todas as perguntas de ordem prática que o estagiário desejar fazer.

Durante o estágio, o aluno volta 1 vez cada 15 dias à Escola Normal, em geral, no dia em que todas as Escolas estão fechadas, 4ª feiras, para uma discussão de grupo com outros estagiários e com o professor de Psico-Pedagogia. Nessa ocasião, são feitas as trocas de experiências e comentários gerais sôbre os estágios.

As aulas teóricas continuam até fim de junho. As férias são em julho. A última quinzena de junho à destinada aos exames finais de conclusão de curso. Terminado o curso Normal, os alunos recebem um diploma que denominamos de - Certificado de Conclusão de Curso Normal

Ainda no decorrer do 2º ano, os alunos participam de trabalho com os pais e fazem observações gerais sôbre a criança e a família. Recebem também informações sobre as leis de proteção à criança e à família. É necessário que conheçam muito bem o ambiente familiar, pois trabalham muito diretamente com os pais.

O programa do 2º ano, fora o estágio, compreende 26 horas semanais e mais 3 horas destinadas às opções. Cada aluno pode fazer 2 opções alternando os dias de aula. Eis as opções: línguas, artes plásticas, música, sociologia, filosofia econômica, social e familiar. Podemos imaginar que as alunas que escolhem artes plásticas e música, estão

pensando na Escola Maternal.

Além da aprovação pelos exames finais, há também a avaliação do Conselho de professores. Se um aluno não se desempenhou bem mas foi aprovado, o diploma não lhe garante o direito de regência de classe. Ele será aproveitado como professor substituto e controlado por conselheiras pedagógicas. Voltarão ainda para a Escola Normal 2 vezes por mês, às 4as. feiras, para assistirem aulas e no fim do ano prestam novo exame. No caso de serem reprovados, poderão repetir o 2º ano, mas sem remuneração. Recebem apenas a bolsa de estudos.

Durante o 2º ano, os alunos são convidados a trabalhar nas férias como acompanhantes das crianças que vão para as colonias. Eles atuam como animadores e organizadores de jogos. É uma excelente experiência social e recebem um salário suplementar por este trabalho.

Estatus do professor: Logo que um aluno é matriculado na Escola Normal, êle tem direito a um salário. Êste salário representa o que chamamos "bolsa de manutenção". A idéia dos legisladores que criaram a Escola Normal, é que todos possam estudar para professores, mesmo que as famílias não tenham recursos. Como os alunos têm entre 16 e 19 anos, as famílias podem esperar que o trabalho deles possa ajudar na sua manutenção. O salário corresponde ao que o aluno receberia se estivesse trabalhando e mais a sua manutenção (casa e alimentação no internato). É dupla a finalidade deste salário. Uma parte é paga apenas no fim do 2º ano. Destina se à compra dos seus primeiros móveis e utensílios, uma vez que ao deixar a Escola Normal, o aluno vai deixar também a família e viver na própria escola onde trabalhará. Assim, já possui o seu pequeno capital para montar a sua casa ou apartamento.

Ao assumir o magistério, tem os mesmos direitos que os outros professores. Faltas remuneradas em caso de doença, durante 3 meses, salário integral; 6 meses, meio salário. Se continuar doente (tuberculose, câncer, doenças mentais etc.) é impedido de trabalhar, recebe por 5 anos.

O salário de professores aumenta até 12 vezes. Inicialmente, corresponde em cruzeiros Cr$ 4.000,00 e para Diretora Cr$ 6.000,00 (sendo que êste é o mínimo, pois depende do número de classes na Escola). Nas Escolas Maternais é mais ou menos isso, pois estas escolas possuem 4 a 5 classes. As diretoras de Escolas primárias recebem mais, pois dirigem de 10 a 12 classes.

sentadoria paga 3/4 do salário mais alto. Se desejarem continuar, poderão trabalhar até os 60 anos e receberão salário integral. Há um previlégio para as senhoras que tiverem filhos. Podem se aposentar mais cedo, 1 ano por filho. Uma senhora que têm 3 filhos se aposenta aos 52 anos. Muitos homens trabalham até os 60 anos para receberem o salário integral. A aposentadoria é após 37 anos de serviço, incluindo os anos de Escola Normal.

Diretora: Muitos professores estrangeiros nos perguntam se não seria necessária uma especialização para os professores de Escolas Maternais. Nós lhes respondemos que não. Em todos os países onde existem cursos de especialização, os estudos são inferiores aos das Escolas Normais para 1º gráu. Ex: As escolas especializadas alemãs, onde o nível é inferior ao médio, a formação é essencialmente prática. Muitos trabalhos manuais bonitos, muitos jogos, mas nada mais que isto. Tivemos oportunidade de ver estas "jardineiras" descascando batatas e fazendo trabalhos na cozinha, pois não havia pessoal para este serviço.

No Congresso de Viena pudemos assistir a escolas funcionando. Até às 8,30 hs. as crianças podiam entrar. Depois disso, as portas eram fechadas. Na sala, a professora estava costurando com 25 alunos. Perguntamos ao Inspetor dessa Escola Maternal por que ela costurava e o Inspetor nos respondeu: "Estamos imitando a família; enquanto as crianças brincam, a Mamãe costura." E nós acrescentamos, "Mas ainda não conhecemos uma família com 25 crianças quase da mesma idade."

A concepção do papel da Escola Maternal é tão diversa no mundo todo, que no Congresso Mundial da OMEP, em Caracas, resolveu-se definir seus objetivos.

Na Nova Zelândia a Escola Maternal é chamada "Centro" Noutros países de "garderies" - (recolhimento). Em alguns países depende do Ministério de Assistência Social, ou da população, ou do Ministério do Interior e poucos são os casos em que estão ligadas ao Ministério da Educação.

Na OMEP, decidimos então colocar "os pontos nos ii" Entre nós, as professoras não fazem especialização na Escola Normal. Esta especialização é feita após a formação. Quando obtêm o diploma, têm o direito de lecionar ~~para~~ uma classe, seja de 1º gráu ou de Maternal. Cada qual escolhe de acôrdo com o seu desejo. Fica então a cargo da Diretor da Escola e do Inspetor, a especialização e prática. Isto só se consegue

após uma longa experiência.

O Diretor da Escola é aprovado em concurso, após 5 anos de magistério como excelente professor pré-primário. O papel do Diretor é muito importante , pois ele é quem dirige a Escola, é o especialista que vai orientar todo o pessoal. Enquanto um professor trabalha 21 horas por semana, o Diretor de uma Escola Maternal (com 5 classes), além de lecionar numa classe, mora na escola e é o responsável permanente por ela. Durante as férias, é quem se encarrega do material necessário para esse período. É o representante da Escola junto às autoridades escolares, arquitetos, serviço médico social e, evidentemente, aos pais. Mantém contatos com as famílias, organiza reuniões de pais e mestres etc. Faz relatórios periódicos, de tudo que acontece na Escola, para o Inspetor especializado.

O Inspetor da Escola Maternal também é um especialista. Geralmente os inspetores são professores de Escolas Normais, ou excelentes diretores de Escolas Maternais que obtiveram o diploma universitário e que prestaram concurso para obtenção de um certificado para Inspeção das Escolas Maternais. Êste certificado só permite a inspeção em Escolas Maternais e não em Escolas primárias. Há também certificado ou registro para os Inspetores de Escolas primárias. Trata-se de uma especialização. Já temos 160 especialistas e logo teremos 180. O Inspetor também pode aposentar-se aos 60 anos.

Já vimos tudo sobre a equipe das Escolas Maternais, suas atribuições e estatus, estamos à sua disposição para responder perguntas.

Pergunta - Qual a função do Inspetor?

Resposta - Os Inspetores são encarregados de visitarem as Escolas, tendo sob sua orientação e responsabilidade de 300 a 400 professores. Devem visitá-los pelo menos 1 vez cada 2 anos. Evidentemente, se encontram qualquer dificuldade ou problema, voltam com mais frequência (pelo menos 1 vez ao ano). Após a visita, cada inspetor prepara um relatório que é enviado, cada 3 meses, ao Diretor Geral do Departamento de Educação, também chamado Inspetor da Academia. Deve conter o número de alunos presentes no dia da visita e uma nota de mérito para professores e Diretor. Por exemplo: Ninguém pode se apresentar para o concurso de Diretor se não tiver nota mínima de 16/20. Existe também a nota de atitude da função. Esta nota vai até 5. Só professores que têm nota 4 ou 5 poderão se apresen

tar para o Concurso de Diretores. 3,2,1 não podem. A nota de atitude se refere à personalidade, ao caráter, relações humanas etc. Um diretor não deve ser agressivo.

Na UNESCO, onde fazemos nosso trabalho permanente, certa vez, falamos da seleção do pessoal educador. E propuzemos o tema seguinte para o Congresso de Coponhague em 1954. Tratava-se de uma pergunta que já vinha sendo feita desde o Congresso do México: "A formação do professor da Escola Maternal." E a nossa resposta a essa pergunta foi a seguinte: "Se vocês desejam fazer uma taça de porcelana fina, não vão utilizar um barro qualquer". O educador precisa ter certas qualidades humanas. É necessário uma cuidadosa seleção, formação e aperfeiçoamento. Esta seleção é feita desde o 1º ano de formação na Escola Normal, que permite eliminar o aluno que não tiver o dom de educador.

Na UNESCO, organizaram um encontro internacional do qual participaram 4 membros da Organização Mundial da Saúde e 4 membros da UNESCO. Nós representamos a UNESCO. Durante 11 dias estudamos, as contra-indicações no metier das Escolas Maternais. Após os estudos, a UNESCO publicou um boletim denominado: "A higiene Mental nas Escolas Maternais", que trata exatamente da nossa conversa de hoje.

Faz parte também do trabalho do inspetor, a colaboração na especialização dos professores. Cada inspetor o faz de acordo com a sua personalidade. Alguns reunem professores e diretores para grupos de estudos com seções práticas. Se um professor mais bem dotado em música está fazendo um trabalho interessante, é convidado, juntamente com seus alunos, para uma demonstração durante estes encontros.

Todos os inspetores criaram centros de estudos com bibliotecas especializadas, onde os professores podem retirar livros, participar de discussões e mesas redondas sôbre os assuntos novos.

Há também jornadas regionais de estudos com a duração de 3 dias, onde se trabalha sob um tema, sob a direção do inspetor. O mesmo tema é estudado por 3 anos. O último tema foi "Educação Musical" o precedente foi: "Os problemas das crianças de 2 a 4 anos" o anterior ainda, foi: "A Educação Intelectual". Estas jornadas contam com a participação de 2.000 a 3.000 professores e diretores. As conclusões são publicadas em revistas pedagógicas. Nossos professores de Escolas Maternais são perfeitamente conscientes das dificuldades de sua tarefa; são ambiciosos e ávidos de informações; participam de congressos por conta própria.

Vamos dizer agora do que consta o exame para inspetor: 1) Uma tarefa de Psico-Pedagogia; 2) Uma Dissertação sobre higiene na Escola que também dura umas 5 horas; 3) Uma questão sobre legislação escolar; 4) Uma questão sobre higiene e saúde, formulada pelo médico e um relatório de inspeção numa Escola. Há 100 candidatos para 7 vagas mais ou menos em cada concurso.

Pergunta: - Os estágios dos normalistas são feitos em que classes? Há professores nestas classes?

Resposta: - Há dois tipos de estágios: os de observação, feitos em escolas anexas ou classes de aplicação, onde os alunos apenas observam professores altamente qualificados, pagos especialmente para servirem de modêlo. São professores escolhidos pelo inspetor. O outro tipo de estágio é feito do como regente de classe, em geral no período de férias como substitutos dos professores titulares. Durante este período de 3 meses, há aulas 1 vez por semana na Escola Normal, às 4as. feiras, dadas pelo Inspetor.

Pergunta: - Quantas reuniões o professor tem por ano com o inspetor?

Resposta: - Durante todo o ano. Há todo um programa a se elaborar. Estas reuniões duram de 1 a 2 horas por semana, de acôrdo com a organização da própria escola.

Esquecemo-nos de mencionar uma coisa muito importante. No 2º ano da Escola Normal, no 2º semestre, os alunos podem passar 1 mês numa escola em país estrangeiro para aprenderem o idioma. Trata-se de um intercâmbio, pois recebemos também em nossas escolas normais, alunos estrangeiros pelo mesmo período de 1 mês. O intercâmbio é feito com os países vizinhos das 4 regiões principais: Noroeste - inglês; Nordeste, alemão; Sudeste, italiano; Sudoeste, espanhol. Obedecemos o mesmo critério para recebermos os estagiários estrangeiros.

Pergunta: - Na França usa-se ensinar língua estrangeira às crianças de Escolas Maternais?

Resposta: - Vamos contar uma experiência: Iniciamos ensinando inglês e alemão desde 4 anos e o sucesso foi total. Mas esta experiência só será de pleno êxito, se continuar pelo 1º gráu até o curso normal. Se todos os professores da França fossem bi-língues então, poderíamos ter completo êxito iniciando na escola Maternal e continuando por todo o primário ou 1º gráu. O exemplo no mundo é o Libano. O Libano é um país bi-lingue.

Em todos os jardins de Infância já se fala árabe e francês a partir de 4 anos. Aos 6 anos as crianças começam a aprender a escrever em árabe e francês. E o resultado é perfeito.

Pergunta: - Há professores especializados para cada área como artes, desenho etc.?

Resposta: - Não temos necessidade destes especialistas em nossas Escolas Maternais. Nossos professores têm formação suficiente para orientar as crianças. Por outro lado, não queremos imitar o 1º gráu onde existe um professor para cada matéria. Não é bom mudar de professores com crianças pequenas.

Pergunta: - Qual a idade mínima para uma pessoa entrar para a Escola Normal?

Resposta: - Até 20 anos.

Pergunta: - Qual o critério para se entrar na Escola Normal? Todos que se apresentam podem entrar, ou há um número limitado de vagas?

Resposta: - O número de vagas na Escola Normal corresponde às necessidades ou vagas para professores, pois cada professor terá uma classe quando terminar seu curso.

Pergunta: - No currículo da Escola Normal os professores aprendem Educação Física, jogos, etc?

Resposta: - Sim. Além das horas consagradas às matérias comuns, há especialidades como música, artes, educação física, etc.

Pergunta: - Qual o país que pode ser comparado à França no que se refere à formação de professores e no trabalho em Escolas Maternais?

Resposta: - Não se pode fazer comparações. Mas a Bélgica tem uma formação de professores semelhantes.

Pergunta: - Sobre o material escolar. Cada criança leva o seu próprio material?

Resposta: - Os pais não fornecem nada. Material, alimentação etc. é tudo pago pela municipalidade.

Pergunta: - Estas conferências têm como objetivo oferecer um exemplo aos outros países para que se concientizem deste tipo de organização?

Resposta: - Não viemos estabelecer um modêlo, pois não se deve ADOTAR e sim ADPTAR métodos, e idéias de acôrdo com as necessidades e possibilidades de cada um, respeitando as regiões, os costumes e as leis.

Um dia na OMEP foi dito por um representante americano: .... os países em desenvolvimento.... referindo-se a um grupo de determinados países. O representante de um deles, muito ofendido, retrucou: "Para mim, os Estados Unidos, a França, enfim todos os países deveriam estar em desenvolvimento..."

E com esta proposta encerramos o programa de hoje. Amanhã falaremos sôbre "O PAPEL DA ESCOLA MATERNAL NA PRIMEIRA EDUCAÇÃO".

Boa noite.

Transcrito da gravação literalmente,
sem revisão da autora.

A.C.

M. nº 83/75 do Expediente de Ed.101.

CONSTRUÇÕES ESCOLARES E EQUIPAMENTOS DAS ESCOLAS MATERNAIS

Hoje falaremos das construções escolares e do equipamento das escolas maternais. É um problema muito importante, pois se os arquitetos fizerem adequadas instalações, será ótimo, mas caso contrário, será um desastre.

Na França, a Prefeitura fornece verbas para construção e equipamentos escolares. E lá há também, arquitetos especializados em construções escolares.

Há alguns anos, o Ministério de Educação reuniu um grupo de arquitetos especializados e pediu-nos que lhes explicasse:
- "como são as crianças". "por que as escolas são feitas para elas?"
Os arquitetos não tinham a menor idéia do que é uma criança.

Por exemplo: certo dia, chegamos a uma escola maternal recém-construída e encontramos os cabides dispostos numa certa altura, onde jamais as crianças alcançariam. Espantada perguntamos: "Será que erramos o endereço? isto aqui é uma escola primária?" E êles refutaram - "As crianças são tão pequenas que não sabem tirar o casaco sozinhas e pendurá-lo e,forçosamente alguém irá ajudá-las.

Pediram-nos também que fizéssemos um texto, explicando como construir uma escola maternal. Antes de mostrar nosso texto aos arquitetos lhes explicamos, quais são as necessidades das crianças.

A primeira coisa que lhes dissemos foi: - "é preciso atender a todas as necessidades das criancinhas - físicas, afetivas e psicológicas".

Primeiramente, a Escola Maternal deve ser autônoma. Mas na França, nós procuramos, na medida do possível, construí-las perto de uma escola primária, e às vêzes ao mesmo tempo perto de creches.

Nas grandes cidades, como Paris, procuramos resolver o problema da falta de espaço da seguinte maneira: - uma vez que é decidido construir uma escola primária, automaticamente decide-se também a construção de uma escola maternal. Há uma escola para os meninos, uma para as meninas e a maternal. Isto é chamado —— grupo escolar ——

O interesse deste agrupamento é o de permitir a fácil colaboração entre escola maternal e primária, para se preservar a unidade do ambiente infantil.

É comum entre nós que uma professora de crianças de 6 a 7 anos, venha passar os últimos dias do ano escolar numa escola maternal, juntamente com as crianças que, no próximo ano, passarão para a escola primária. —— escola obrigatória —— E, na medida do possível, uma mesma professora continua com seus alunos desde os 5 até os 7 anos. Isto, para evitar os problemas que poderão surgir no ensino da leitura, que é iniciado na escola maternal e que continua depois sem que a sequência dos métodos seja quebrada.

A escola maternal é autônoma, com seu próprio pessoal e diretora. Sempre que a construímos procuramos fazer, ao menos, um apartamento, para que, pelo menos, a diretora possa morar no próprio local. Isto nas grandes cidades, porque nas pequenas cidades, constroem-se ao lado da escola a —— casa dos professores. Aqui é preciso ressaltar que além do salário que recebem, o alojamento é gratuíto.

Quando se decide construir uma escola primária e principalmente uma maternal, deve-se procurar um lugar onde não haja muito barulho. A vizinhança deve ser bem observada de modo a não oferecer perigo físico e moral para as crianças.

Há, naturalmente, regras locais, para a construção de prédios escolares, principalmente no que diz respeito à iluminação. Estas regras, são detalhes técnicos, que foram publicados pelo Ministério de Educação Nacional, um documento muito importante, que todo arquiteto, construtor de escolas deve possuir.

Dentre os princípios a serem seguidos, está em primeiro lugar a segurança e, entre as necessidades essenciais estão ~~estão~~ o ar e a luz.

Outra exigência importante é que a escola maternal deve ser localizada perto da residência dos alunos e que o trajeto a ser seguido para alcançá-la não ofereça perigo para as crianças, como por exemplo, atravessar uma grande avenida.

Na OMEP, devem estar presentes pais e professores, mas nós pedimos também a presença de arquitetos e urbanistas, os quais de

vem aprender o que é uma criança, coisa que até hoje foi ignorada.

Sempre que possível, a escola maternal deve ser térrea, mas, no caso contrário, as escadas de 1,5m de comprimento no máximo, não devem possuir degraus com mais de 16 cm. e um corrimão colocado em altura onde as crianças possam se apoiar para subir. Atualmente procura se substituir as escadas por rampas, cuja inclinação não deve ultrapassar 10%. Esta substituição vem sendo feita com o intuito de atender às crianças portadoras de defeitos físicos.

A temperatura de uma escola maternal deve ser regular e suficientemente úmida.

O problema da iluminação, aparentemente, deixa de existir numa escola maternal, pois nela os alunos não se dedicam à escrita, mas se percebermos que um aluno demonstra vontade de "escrever", devemos orientá-lo no sentido de que a luz entre sempre do lado esquerdo.

Já que falamos em iluminação, devemos lembrar que numa sala de aula, não devem faltar tomadas destinadas ao uso de vitrolas, projetores etc., mas sempre fora do alcance das crianças.

Se a escola dá diretamente para rua, ela deve ser construída de modo que os corredores fiquem do lado da rua, não as classes.

Sempre que possível, devemos construír uma escola maternal em forma de "L" e levar em consideração que nela teremos 2 grupos de crianças: as de 2 a 4 anos e as 4 a 6 anos — sendo que cada um dêstes grupos deve ter seu domínio particular de acordo, lógicamente, com suas idades.

Há ainda o problema dos vestiários. Estes devem ficar fora das classes e servir ao mesmo tempo as 2 classes.

Toda escola maternal deve possuir uma cozinha, mesmo que as refeições sejam preparadas em outro lugar. Depois das refeições, tanto a cozinheira como as serventes podem ocupá-la para um pequeno descanso ou mesmo, para guardar as vassouras.

Em cada classe deve haver uma campainha para chamar as serventes, e elas podem ocupar-se além da limpeza, de serviços de cos

tura. É preciso sempre ter em mãos uma reserva de lenços para as crianças que os esquecem em casa.

A sala de refeições, na medida do possível, deve ser próxima ao salão de jogos, para que, quando necessário, ela se torne um prolongamento dêste.

O salão de jogos é polivalente: lá está o piano, as marionetes; serve também para festas, quando delas participam as famílias dos alunos.

A sala de aula deve ser equipada conforme a idade dos alunos que a frequentam. Para os pequenos são duas salas vizinhas separadas apenas por uma cortina — uma será a sala de repouso, que deverá ser equipada com vários tipos de jogos e brinquedos e também de colchões, onde as crianças possam repousar. Estes colchões deverão possuir um detalhe especial (uma figura, por exemplo) para que cada criança seja capaz de reconhecer o seu próprio colchão.

As salas, normalmente, devem ter 7x8m. e na sala das crianças de 4 a 5 é organizado — recanto de atividades — com lugares reservados para: pintura, recortes, colagens etc.

Quanto ao mobiliário, hoje dá-se preferência para mesas que acomodem 4 crianças. O que não se deve mais usar são mesas com cadeiras fixas (antigas carteirinhas). A instalação de uma sala de aula deve ser móvel para que se possa transformá-la conforme às necessidades do momento.

Na sala dos grandes (5 à 6) dá-se preferência para mesinhas individuais e quando as crianças se entregam à escrita, devem ser orientadas de modo que a iluminação venha da esquerda. Nesta sala deve existir também o "cantinho dos livros", o "cantinho da pintura, etc."

As escolas maternais devem, na medida do possível, possuir uma "casinha", com porta e janela, onde as crianças possam brincar, mas não precisa necessariamente de um telhado.

Na classe dos grandes (5 à 6) a professora necessita de um quadro-negro, que não precisa ser necessáriamente negro. A sua côr deve ser associada àquela das paredes: - ex: parede verde-claro, quadro verde.

A sala da Diretora deve ser localizada perto da entrada, mas ao mesmo tempo em lugar, de onde ela possa ver muito do que se passa na escola. Ao lado de sua sala, deve haver outra, onde a Diretora possa encontrar todo o material necessário para o bom funcionamento. Deve haver também a sala dos professores.

Em algumas escolas existe o consultório médico.

Em outras, além de tudo o que já vimos, encontramos também uma sala para a assistente social escolar. Cabe a ela visitar a família das crianças para esclarecimento de casos necessários. Por exemplo - problemas médicos. Ela é a responsável pela caderneta de saúde das crianças que frequentam a escola.

O pátio escolar deve possuir arbustos e também grandes árvores que ofereçam sombra e, se possível, um pequeno bosque. Segundo Alexis Carrel (médico francês) êle deve possuir pequenas elevações, para que as crianças possam, ao subí-las, fortificar o coração. Necessita também ter uma faixa de areia com pelo menos 15 cm. de espessura, onde as crianças possam brincar. Esta faixa deve estar obrigatóriamente na, sombra. Ainda, se possível, deve ter uma pequena piscina com 15 cm. de água e com sólo anti-derrapante.

Seria bom, se a escola tivesse uma área onde as crianças pudessem cultivar a terra, pois o trabalho de jardinagem é extremamente educativo para as crianças. E ainda, uma pequena criação: galinhas, coelhos, um viveiro, um aquário etc.

Se o terreno for bem grande, pode-se dividí-lo com arbustos (cerca viva) formando os "cantinhos" - será muito interessante - o cantinho da areia, o cantinho onde a professora conte estórias, pois assim a criança vai sentir-se muito melhor.

O pátio deve ter um grande gramado, e resto do espaço coberto de areia fofa, para não machucar as crianças, caso venham cair. E ainda uma pista de cimento em forma de "L" com os sinais de trânsito.

Transcrita da gravação sem revisão da conferencista.

A.C.

O PAPEL DA ESCOLA MATERNAL NA 1ª EDUCAÇÃO

Falaremos hoje sobre o importante papel da E.M. na 1ª educação.

Como a educação da criança tem início no berço, os pais serão necessàriamente seus primeiros educadores.

É sabido que a criança ao nascer, já trás "potencialidades" e, desde os primeiros dias de vida, necessita de estímulos para o seu perfeito desenvolvimento. O sistema nervoso central de um bebê é como uma planta cheia de botões que desabrocham de acordo com os estímulos e as condições indispensáveis para seu desenvolvimento. É pois, necessário dar-se, à criança, estimulação constante.

Uma criança doente ficando longe dos pais, ao ser hospitalizada, terá forçosamente menos carinho e atenção. Não será estimulada como uma criança sã, vivendo em seu ambiente normal. Poderá, então, sofrer atrazo nesse desenvolvimento, atrazo esse, às vezes, irreversível. Também, quando a criança nasce com defeitos de visão, se for operada com 1 ano de idade, a recuperação poderá ser total; com 3 anos, talvez permaneçam pequenas lesões, com 5 anos, a cegueira poderá ser definitiva. Ainda uma criança surda-muda possui desenvolvimento mais lento do que uma cega, por falta de percepção dos estímulos.

Experiência feita com cachorrinhos corroboram com que acima foi exposto. "Costuraram os olhos de uns cachorrinhos logo após o nascimento e os abriram quando na idade adulta". Verificou-se que eles estavam completamente cegos, pois a visão é também resultado de estímulos cerebrais.

Conclui-se, pois, que desde muito cedo, a criança necessita receber estímulos.

A E.M. deve participar da educação integrada, ao lado dos pais. Numa reunião em Genebra, ficou decidido que a criança poderá frequentar a E.M., a partir dos 2 anos de idade, pois, o que essa instituição pode proporcionar, a melhor das famílias não consegue igualar.

- Antes de se falar da E.M., é interessante que se diga algo a respeito da criança.

De início, ela não dispõe de linguagem organizada, porém, aos 2 anos, já fez duas grandes descobertas: anda e fala. Sai do berço para descobrir o mundo que a cerca. Uma senhora Iuguslava fez a seguinte imagem da criança nessa fase:- Mãe e filho se encontram numa mesma dependência; se a mãe sair, a criança imediatamente perguntará:"Ma mãe onde você está?" Porém, quando ela atinge seus 3 anos de idade, a situação muda: É a mãe quem vai perguntar: "Pedrinho, onde está você?" Isto acontece porque a criança já se libertou e deseja conquistar o mundo que a cerca. Mexe em tudo, para conhecer melhor o ambiente - daí a criança buliçosa.

Ao nascer, ela tem tudo para descobrir sem encontrar nenhum ponto de referência. Sua situação é muito mais precária do que a nossa em relação à Lua, pois, desta já tínhamos muito mais conhecimento antes de ser por nós alcançada.

A criança que vive em ambiente restrito (casa pequena, apartamento, etc.) tem necessidade de mexer em tudo. Mesmo a mais compreensiva e a mais paciente das mães, às vezes, perde seu "bom humor"e pede ao filho que sossegue por uns instantes.

É então, exatamente aqui, que a importância da E.M. pode ser evidenciada, uma vez que proporcionará ambiente favorável, onde as crianças terão liberdade de fazer suas "descobertas", sem as barreiras impostas pelas necessidades familiares.

A característica mais marcante da vida humana é a rapidez de sua evolução na 1ª infância. Assim, em 1 ano, a estatura de uma criança duplica, bem como o tamanho de sua cabeça.

Podemos comparar o crescimento do ser humano a um repucho dágua que inicialmente atinge determinada altura com grande intensidade, para depois cair mais calmamente.

Quando acusamos as crianças de serem instáveis, esquecemos que elas estão em constante transformação - daí essa aparente instabilidade.

Necessitamos ainda lembrar que, para elas, a noção de tempo e espaço é muito diferente da nossa. Exemplificando - Quando voltamos a visitar um local que conhecemos na 1ª infância, ficamos sur-

presos em notar como o espaço diminuiu! Aquilo que nos pareceu tão grande, na realidade, é muito menor.

Também poderemos nos reportar a um filme por nós assistido, que nos pareceu muito interessante. Nele, se vê uma criança e apenas as pernas da mãe. Enquanto esta faz compras, a criança busca algo no chão; distraindo-se com aquilo que está a sua altura, que pertence ao seu "mundo".

Dizemos ainda, muitas vezes, que as crianças não são atentas. Na realidade, não é bem isso que acontece. Como elas têm um mundo para descobrir, examinam com atenção apenas aquilo que as interessa, de uma maneira espontânea.

Não podemos esquecer também que seu desenvolvimento motor ainda não está completo - daí serem desajeitadas por natureza.

É, pois, necessário que se dê à criança, tempo suficiente para executar suas tarefas. Mães e professores cometen o grave erro de apressá-la dizendo, muitas vezes: "depressa", "acabe logo com isso".

Na E.M., é comum ver-se uma criança pedir à professora que amarre o laço de seu sapato, ao que é atendida prontamente. Essa atitude da professora não é correta; ela deveria ensinar como dar o laço, dando tempo suficiente para sua execução. Maria Montessori já havia observado essa necessidade - "Deve-se dar tempo suficiente à criança para que efetue suas tarefas, não se fazendo tudo para elas".

A lógica de uma criança não é igual à nossa. Ela vai esquecer todos os detalhes que apreendeu até 4 anos. Em geral, os adultos acham que ela não se esquece por repetir muita coisa, comentada, às vezes, pelos pais.

Para exmplificar o que afirmamos, contaremos uma experiência, vivida por nós mesma. Iniciamos nossa carreira como professora primária e, dois anos após, fomos nomeada inspetora. Como inspetora, visitamos certa vez, a escola onde lecionamos anteriormente. Vendo um ex-aluno, italianinho, que chorava muito por não entender francês, dissemos-lhe: "Bom dia Dino". Dino olhou-nos de tal modo que ficou evidente, não nos reconhecer. Perguntamos então: "Você teve professora na E.M.?" Dino respondeu afirmativamente: "E como se chamava ela?" Notamos perfei-

tamente que ele não se lembrava.

Poderemos dar outro exemplo acontecido com uma jovem, já professora, que também fora nossa aluna quando criança. Ao vê-la perguntamos: "Do que se lembra do tempo em que foi nossa aluna?" A resposta foi esta: "De muita coisa! Lembro-me que havia uma mesa redonda; que você me pôs óculos...". De nada mais se recordou.

Estamos convencidos de que "a criança não memoriza conscientemente aquilo que aprende, mas esse aprendizado vai mergulhar no seu sub-consciente.

Para um grande psicólogo - "nada será esquecido na criança". Assim, o comportamento do adulto sofre influência dos traumas afetivos da 1ª infância (Freud). Deve-se ressaltar aqui a grande responsabilidade do educador.

"Tudo que recebemos, como herança, na nossa formação, vai fazer de cada um de nós um "ser único".

Tem havido muitos estudos e discussões para se saber com certeza o que é mais importante - se a hereditariedade ou o meio. Hoje, dá-se mais importância ao meio, embora haja influência da hereditariedade.

Devemos novamente nos reportar a Maria Montessori, pela sua grande contribuição - "As crianças, além de ser amadas, devem ser respeitadas". Os adultos, porém, cometem o grave erro de não respeitá-las. Como seres poderosos que são, mandam e desmandam, não respeitando a individualidade da criança. Esquecem que ela é um "ser" e como tal deve ser respeitada. Não é a criança que deve adaptar-se a nós, mas nós a ela.

Várias aptidões que a criança tem, irá perdê-las com o crescimento. A 1ª aptidão que ela tem é exatamente a de crescer, que irá perdendo paulatinamente. Também a aptidão que ela tem para o aprendizado de línguas, vai perdendo, à medida que cresce.

Ao visitarmos um Parque Infantil da Prefeitura, numa destas manhãs, no meio de tantas crianças, falando Português, lembramo-nos da língua Chinesa, uma das mais difíceis. Para nós, os parqueanos falavam "Chinês", uma vez que nada entendíamos. Poderíamos até dizer. "Meu Deus, como essas crianças falam bem a língua Portuguesa!"

Mas é certo que, se uma criança Francesa, frequentasse esse P.I. depois de 3 meses estaria falando perfeitamente o "Portugues", o que não acontece com um adulto.

Um técnico em linguística acha que a criança tem maior capacidade para aprender línguas, de 15 meses a 8 anos, tornando-se depois, também, mais difícil. Após colóquio de representantes da Omep, na Scandinávia, onde o ensino é obrigatório, a partir dos 7 anos de idade, uma senhora Dinamarquesa dirigiu-se a nós do seguinte modo. "Madame, esta noite, não consegui dormir pois, refletindo sobre o que foi dito sobre a idade em que a criança tem maior facilidade, para o aprendizado da linguagem, fiquei muito preocupada". Essa senhora nos contou, então, que seu filho, agora com 8 anos de idade, mostrou grande interesse em aprender a ler, aos 5 anos. Pensando ser muito cedo, não permitiu que ele tivesse iniciação no ensino da leitura. Agora, o menino demonstrava completo desinteresse.

É necessário, pois, que se leve em conta a eclosão das aptidões de cada criança, como ser único que é. Todas as crianças não terão as mesmas aptidões na mesma idade.

Fazendo-se um estudo sobre crianças de todas as raças humanas, chegou-se à conclusão de que as etapas do desenvolvimento observam a mesma ordem para todos, porém o ritmo do desenvolvimento varia de ser para ser. Essas noções essenciais não poden ser esquecidas na E.M. sobretudo quando são feitos trabalhos em grupo. Deve-se atender ao grande princípio pedagógico - "O professor não tem direito de refrear as crianças de ritmo apressado nem tão pouco, de apressar os mais lentos.

É na faixa etária 2 - 3 anos que a E.M. recebe as crianças e, essa faixa é muito importante porque é exatamente nela que a criança vai descobrir o "outro", ou melhor dizendo, vai descobrir primeiramente a si mesma. É o momento em que vai dizer "eu", vai passar a ser um indivíduo, deixando de falar na 3ª pessoa. Esse momento e quase tão importante quanto ao nascimento, uma vez que é o "nascimento da consciência de si".

Nesse momento em que a criança começa a se afirmar ela se afirma "por oposição". Diz quatro vezes, um "não" e uma vez "sim". Se a mãe disser "Meu filho, você quer um bombom?" Ele diz "não",

mas o pega. Muitas mães não entenden essa fase e ficam preocupadas. Mas, essa fase de oposição, vai aparecer novamente, quando a criança atinge seus 13 - 14 anos de idade (fase de transição para adulto).

Como já dissemos anteriormente, a E.M. é muito importante nessa fase, pois, poderá auxiliar a criança, que ao descobrir o "eu", vê outra criança, a seu lado. A E.M., por intermédio da professora, terá oportunidade de fazer ver que a outra criança será um amigo, um companheiro com quem irá executar várias tarefas.

Contaremos agora uma experiência por nós vivenciada, numa realidade francesa, onde, infelizmente, existe uma coisa odiosa, que se chama racismo. Antes porém, devemos lembrar que a criança de hoje será o adulto do ano 2.000 e no ritmo em que vai o mundo, nessa época, os países, dada a grande facilidade de comunicação, estarão uns muito próximos dos outros. Seria interessante que, desde já, se incutisse nas crianças o espírito de fraternidade e de igualdade.

A experiência que vamos relatar não teria importância, numa cidade pequena do interior, mas é de relevância, por se tratar de Paris, cidade cosmopolita, onde são encontradas crianças de várias nacionalidades, em uma mesma sala.

Como as crianças gostam muito de brincar com bonecas? resolvemos que as E.M. adquirissem grande quantidade de bonecas de vários tipos: louras, castanhas, morenas, com cabelos lisos, crespos ondulados, olhos puxados, amendoados, etc.

Certa vez, levando as crianças ao "cantinho das bonecas", onde havia apenas um berço, perguntamos: "Será que alguma boneca não está com sono?" Foi impressionante verificar como a maioria das crianças escolheu a boneca loura! E aqui, deve entrar o trabalho da professora, que poderá sugerir o seguinte". Vocês não acham que a bonequinha preta, de cabelos crespos, está com mais sono que as outras?" Temos certeza que as crianças acatarão a sugestão, colocando a negrinha no berço. Isto, aparentemente pode não parecer nada, mas é bem possível que essa professora esteja colaborando para a aproximação das raças.

Há ainda uma série de filmes, produzidos pela Enciclopedia Britânica, os quais mostram crianças de vários países (mexica

nos, coreanos, senegalezes, etc.). Esses filmes são projetados nas E.M., o que achamos muito interessante, desde que muito bem utilizados. Aqui, a professora deve chamar atenção quanto às diferenças físicas apresentadas pelas crianças do filme (cor da pele, tipo de olhos, cor dos cabelos, etc.). Deverá, em seguida, acentuar as semelhanças dos "pequenos artistas" com os alunos da classe dizendo: "Olhem como aquele menino tem os cabelos crespinhos como os da Mariazinha!" "Vejam como ela brinca com o cachorrinho!

Se a professora perguntar: "Qual das crianças é a mais bonita?" ninguém saberá responder. Elas acham que todas são bonitas. E as crianças da E.M., devido à orientação precisa, acabam descobrindo que é preferível haver diferenças físicas entre os indivíduos. É mais interessante preservar essa diversidade do que cair numa monotonia E tudo isto é muito importante porque mesmo que a criança não se lembre convenientemente, algo ficará no seu subconsciente, o que talvez, possa evitar conflitos raciais futuramente.

Ainda aparecem mães que chegam à professora e dizem: "Não quero que meu filho sente ao lado daquele pretinho". "Como?" diz a professora. "Eles são tão amigos e, justamente aquele menino é ótimo em desenho e aritmética. É par constante de seu filho, na execução de tarefas em grupo!" A mãe fica surpresa com o que lhe é dito. E a professora aproveita a oportunidade para chamar as duas crianças, que vão para junto dela, muito bem humoradas.

O que existe é o preconceito racial, entre os adultos, que já têm idéias preconcebidas a respeito do assunto.

Já é do conhecimento de todos que a E.M., em 1º lugar, pode fornecer à criança aquilo que a melhor das famílias não pode dar, permitindo que a criança viva num meio onde todos são iguais (filhos de serviçais, de médicos, advogados, etc. serão tratados do mesmo modo). Já na família, existe uma hierarquia entre adultos e menores.

Também a E.M. vai fornecer o espaço de que a criança não dispõe na própria casa. Quanto à criança parisiense, na maioria das vezes, vivendo em apartamentos, necessita usar sapatilhas de flanela, quando de volta à casa, para não incomodar os vizinhos.

Na E.M. há um pequeno grupo de adultos e um grande

grupo de crianças. Mário Montessori, filho de Maria Montessori é de opinião que o grupo de crianças de uma classe não deve ser muito pequeno, pois, quando assim acontece, as crianças perdem certa liberdade, contrariando, no entanto, o pensamento de muitos professores.

Num Congresso em **Atenas**, esse assunto foi abordado e alguém aventou a idéia de que, numa E.M. ideal, cada classe deveria ter cerca de 8 alunos. Houve contestação por parte de Mário Montessori e de outro educador, que explicaram haver necessidade do número de crianças superar em muito o dos adultos (professores e funcionários) para que elas se sintam à vontade.

Ficou então, determinado que em cada classe poderão constar o seguinte número de crianças, de acordo com a idade:

2 a 4 anos	——	15 a 20 crianças
4 a 5 anos	——	20 a 25 crianças
5 a 6 anos	——	25 a 30 crianças

Certa vez, perguntamos a um grupo de professoras: "O que é liberdade?" E as respostas foram bastante vagas. "Fazer o que a gente quiser, quando quiser" - eis uma delas. Resolvemos fazer a pergunta de outra forma: "Qual o cúmulo da liberdade?" E nós mesma respondemos: "O cúmulo da liberdade não é fazer o que se quer, quando se quer, mas é o domínio de si mesmo".

Assim, uma criança que não controla suas atividades não é livre. Nós também não seremos livres, se não dominarmos nossas próprias atitudes.

A conquista da liberdade é um processo difícil que necessitamos aprender para assegurar para cada um de nós essa liberdade. Ninguém pode dar liberdade a ninguém. Ela deve ser assegurada pela própria pessoa.

Ela vai escolher livremente as atividades que vai desempenhar. A professora deverá, isto sim, fazer sugestões várias. Suponhamos que dentre as tarefas sugeridas, haja a confecção de pulseiras com contas. Para essa confecção são apresentados vários modelos, uns mais fáceis, outros mais difíceis. A criança resolve escolher o modelo mais complicado. Neste momento a professora deverá aplicar seus conhecimentos pedagógicos, nunca dizendo: "Você ainda não tem capacidade para

confeccionar esse modelo. É melhor escolher um mais fácil". Ela deve deixar a criança descobrir por si mesma se tem, ou não condições para confeccioná-lo.

Ainda seria pior se a professora ao ver o trabalho mal elaborado dissesse: "Está ótimo, muito bem!" A criança tem plena consciência do que fez e percebe que não está bom. Ela já tem capacidade para julgar. Se fracassou, não tem importância, pois, devemos ter consciência de nossos fracassos e a criança é perfeitamente capaz de suportá-los, e de continuar em frente. É, afinal de contas, toda nossa aprendizagem é feita na base de erros e acertos. Assim,o fato de a criança errar, não tem importância. Ela mesma vai perceber que deve executar antes um trabalho mais fácil, para depois saber fazer o mais completo.

Quando a criança escolhe um trabalho e não consegue terminar porque é difícil ou longo, seria grave erro da professora dizer: "se você não acabou, não tem importância". Se demos à criança a liberdade de escolher a tarefa a executar, temos também de dar-lhe a responsabilidade de terminá-la. O certo será: "você vai acabar o trabalho amanhã, pois, de fato, ele era muito longo".

A liberdade é como uma moeda de duas faces - de um lado a liberdade e do outro, a responsabilidade. Certamente, numa outra ocasião, essa criança escolherá uma tarefa menor ou pedirá auxílio à professora, na escolha de uma que seja plausível com suas reais possibilidades.

A professora não pode esquecer que "educar é também criar responsabilidades".

Não nos esqueçamos que nossos valores são muito diferentes dos da criança. Exemplificando - Uma criança está fazendo um desenho muito interessante. Exatamente no momento que a professora passa perto de sua mesinha e esboça o desejo de elogiar seu trabalho, a criança apanha um lápis azul e rabisca o desenho. E a professora, antes de aparentar qualquer reação desfavorável pergunta: "Por que você fez isso?" A resposta foi simples: "Quis por no meu trabalho a cor de minha classe". De fato, sua classe era chamada "classe azul". O essencial é primeiramente compreender as crianças, antes de julgá-las.

As crianças de 3 a 4 anos são individualistas, gos-

tando de fazer atividades por conta própria. Inicialmente monologam para numa outra etapa, começar a dialogar.

Maria Montessori observou o problema de a criança ter necessidade de "arrumar as coisas". Isso, talvez tenha fundamento na complexidade do mundo atual, que ela (criança) não conhece. Assim sente necessidade de por ordem nas coisas para ter pontos de referência. Poderíamos compará-la com o cego que precisa ter todas suas coisas perfeitamente em orden para encontrá-las con facilidade. A criança sentindo-se como que perdida, põe as coisas em orden para ter pontos de referência e pontos de apoio.

Um brinquedo que todas as crianças gostam é classificar, colecionar (fazer triagem). Deve-se, então oferecer a elas, material específico para essa classificação.

A professora da E.M., para bem desempenhar suas funções, necessita fazer uso de fichas, onde possa assinalar as etapas do desenvolvimento de cada criança, para, inclusive, poder constatar o material mais acessível, dentro dessas etapas.

Em visita a uma escola, nessa nossa temporada em São Paulo, observamos o manuseio dos Blocos Lógicos de Diénes, constatando, não mais haver muito interesse para muitas crianças, talvez porque já os manipulassem muitas vezes. É preciso, pois, observar, com atenção, até que ponto o material em uso vem despertando interesse na criança.

Concluindo, devemos lembrar que o professor deve estar apto à responder às perguntas de seus alunos, para estimular a dialogação. Deve também conhecer as aptidões das crianças numa determinada idade, para que sejam aproveitadas no momento oportuno.

Transcrito da gravação sem revisão da conferencista.

A.C.

M.94/75-Expediente de Ed-101-

O PAPEL DOS PAIS NA PRIMEIRA EDUCAÇÃO

Falaremos hoje sobre - "o papel dos pais na primeira educação".

Já é do conhecimento de todos educadores que a primeira educação vai desde o nascimento até os 6 anos de idade e, nessa fase, os pais são os únicos responsáveis pela educação dos filhos.

Infelizmente, nem sempre eles podem dedicar-se inteiramente aos filhos, pois, muitas vezes, a mãe também necessita trabalhar fora de casa.

Procurando solucionar esse problema, foram criadas as creches, que assistem os bebês no período de trabalho dos pais, geralmente das 7 horas ao anoitecer.

Na França, essas creches pertencem às Prefeituras e estão subordinadas ao Ministério da Saúde.

Como a educação da criança deve ter início no berço, a Omep sugeriu, que, também nas creches dever-se-ia cuidar dela (educação). Mas, se a idéia de educação pré-primária é ainda muito nova e não perfeitamente compreendida por grande número de pessoas, imaginem a repercussão de uma creche com finalidade educativa.

Para que possamos ter conhecimento de como funcionam determinadas creches, daremos um exemplo, que foi por nós vivenciado, quando visitamos certo país, por ocasião de um Congresso. Convidada para visitar uma "creche modelo", tivemos a oportunidade de verificar o que segue:

- A mãe, ao entrar na creche, com seu bebê, dirigia-se a uma sala especial, onde havia uma mesa para se colocar a criança, quando da troca das roupinhas trazidas de casa pelas fornecidas pela creche (uniforme). Em seguida, batia num guichê, pelo qual uma funcionária apresentava uma cesta para nela ser colocado o bebê. Este passava imediatamente para o interior do estabelecimento, enquanto o guichê se fechava e a mãe tomava o rumo de seu trabalho.

Funcionários da creche tiravam a temperatura da criança e a colocavam num "piniquinho", onde deveria ficar por algum

tempo, mesmo sem mostrar qualquer indício de vontade; somente depois ia para o berço.

Enfim, tratavam-na mais como um "objeto" do que como um "ser".

Nessa creche, as funcionárias, destinadas a tomar conta das crianças, usavam máscaras no rosto para que não houvesse possibilidade de contaminação. Na verdade, os micróbios não atingiam as crianças, mas também nenhum sorriso chegava até elas.

Quando dessa visita, alguém perguntou o "por que" da existência do "guichê", e a resposta foi dada prontamente: "Queremos salvaguardar nossas crianças, o mais possível, das moléstias contagiosas, às vezes trazidas pelas próprias mães".

Devemos dizer que essa visita suscitou muitos comentários na Omep.

Visitamos também uma Creche na Iuguslávia que poderemos considerar "modelo", por aquilo que pudemos observar.

Sabemos que um bebê, conforme a idade, deve dormir de 12 a 15 horas por dia e, nessa creche, proporcionam-lhe a possibilidade de dormir, o tempo que lhe for necessário. Sabemos ainda que a presença da mãe, nessa fase, não é, até certo ponto, indispensável, uma vez que a criança tem mais necessidade de dormir do que qualquer outra coisa. Mas, não podemos esquecer a rapidez do desenvolvimento do bebê e, aos 8 - 9 meses já vislumbramos a personalidade do pequeno "ser", que está se formando. É exatamente nessa idade que se deve começar a pensar em dar-lhe os estímulos necessários para o desenvolvimento de suas atividades mentais.

Nessa mesma creche, vimos uma sala destinada a receber apenas os bebês, que nos surpreendeu: o chão inteiramente forrado por colchão macio e com fios de borracha pendentes do teto, em cujas extremidades estavam presos brinquedos, também de borracha, além de outros espalhados.

Era emocionante observar a alegria daquelas crianças que estendiam os bracilnhos, levantavam o corpinho, sentavam, caiam, etc. tudo, sem se machucarem, dado o ambiente propício. Elas desenvolviam grande atividade, inteiramente livres de qualquer interferência.

As crianças, até 2 anos de idade, são extremamente individualistas, não conseguindo formar grupos; daí as encarregadas, muitas vezes, se dirigirem a elas com o intuíto de, ao menos, estimular a emissão de sons (início da fala).

Também os bercinhos eram diferentes. Fáceis de desmontar, de tal modo que a própria grade servia de escada para o acesso a eles, permitiam uma atividade muito interessante para crianças de mais ou menos 1 ano de idade. Não nos lembramos exatamente como eram feitos.

Em outra sala, esta destinada para crianças com cerca de 15 meses, havia um estrado de madeira com uns 40cms. de altura, e com 3 degraus. Podia-se observar como as crianças tentavam subir esses degraus, das maneiras as mais variadas, até mesmo de barriga. E essa escalada não era por simples divertimento, mas sim para chegar ao estrado e sentar em "poltroninhas" especiais. E as crianças, que conseguiam o fim almejado, demonstravam grande satisfação como se tivessem chegado vitoriosas a um "trono".

Para incentivar o trabalho de grupo, as encarregadas jogam bola com crianças de mais de 15 meses.

Pelo que foi exposto, conclui-se que esse tipo de creche exige um pessoal com formação específica - daí a Omep solicitar, num Congresso em que o assunto foi discutido, que pelo menos os diretores das creches deveriam ter formação especializada, para orientar os demais funcionários, na sua maioria, muito mal remunerados e, por esse motivo, sem essa formação.

Estivemos várias vezes, em contato com a encarregada das creches de um dos bairros de Paris, Mme. Irene Rèsine, com a qual insistimos sobre a formação psicológica dos diretores desses estabelecimentos, não somente para melhor dirigí-los, como também para poder manter conversa produtiva com as mães, em casos de necessidade.

Em 1973 houve uma reunião de médicos da Organização Mundial da Saúde, na Ilha de Malta, no Mediterrâneo. Comparecemos a essa reunião, representando a Unesco e também a Omep. Todos os médicos falaram 20 minutos sobre o mesmo assunto - higiene - Quando nos foi dada a palavra, alertarm-nos que também contaríamos com apenas aquele di-

minuto espaço de tempo, o que não concordamos, alegando que não poderíamos abordar assunto tão importante - a educação da criança-em tão pouco tempo, uma vez que éramos, a única representante. Alguém lembrou da necessidade de sobrar tempo para debates, ao que refutamos prontamente: "Temos a impressão de que não haverá debates, porque os médicos não são especialistas no nosso assunto".

Conseguimos assim falar durante uma hora, sem interrupção. Tivemos, então, a oportunidade de dizer que os pediatras, na sua maioria, tratam exclusivamente do físico da criança e hoje, cada vez mais, dá-se muita importância ao aspecto psico-somático do indivíduo. Achamos assim, que o pediatra deve estudar a "Psicologia da Criança.

Realmente, pondo nossa modestía de lado, devemos dizer que nossa palestra permitiu, fôssemos cumprimentada efusivamente, inclusive pelos três interpretes e pelos elementos da Delegação Russa.

É preciso que se diga, que na Universidade de Bruxelas, os jovens, que desejam especializar-se em Pediatria, já recebem essa formação psicológica. Ao que nos parece, também na França, estão fazendo a mesma coisa. Esperamos, porém, que todos os países do mundo sigam essa orientação, porque se trata de necessidade evidente.

Reportar-nos-emos novamente aos pais...Para estes, na França, há cursos de orientação, onde recebem publicações específicas. Resta-nos saber, porém, em que medida, essas publicações são lidas e entendidas. Chega-se então, à conclusão de que "a educação dos pais" deveria ter início quendo adolescentes, na própria escola mesmo para aqueles que não pretendam casar-se, celibatários por princípio. Todo o grande público deve receber formação e informação à respeito da criança.

Se algum ente de outro planeta - Marte, Venus.... — viesse à Terra, provavelmente ficaria surpreso ao verificar que aqui não existe nada em especial para a criança, na rua, nos transportes, etc. É como se ela não existisse.

Exemplificando: cada vez que viajamos num trem, observamos a seguinte cena, que se repete sempre. Entra num vagão uma senhora, acompanhada de uma criança. Arranja lugar para si e para o filho e imediatamente tira da bolsa, ou um tricô, ou um romance, ou a re-

vista, para se distrair. Quanto à criança, coitada, além de estar mal sentada, com as perninhas balançando, pois a poltrona é muito alta para ela, não tem nada a fazer. É lógico, que depois de algum tempo, já cansada, sai da poltrona e começa a correr de lá para cá, no corredor do vagão. A mãe, levanta-se e a traz de volta. Porém, como a criança é extremamente perseverante, logo depois começa a andar de novo. A mãe, já nervosa, pega-a novamente e a soca na cadeira como se fosse um objeto, chegando, muitas vezes, a dar umas palmadas. A criança começa a chorar ... é um inferno!

Essa mãe, talvez não saiba que seu filho como criança que é, necessita também de algo que a distraia nesse período de viagem. Jamais, ninguém pensou em colocar cadeirinhas nos vagões para as crianças. Assim, elas poderíam utilizar a poltrona como mesa e teriam possibilidade de desenhar, pintar, etc., durante o trajeto.

Certa vez, estavamos acomodada num trem, quando, de repente, entra uma senhora idosa acompanhada de um belo menino, nada tranquilo - seu neto... Sentaram-se perto de nossa poltrona. Resolvemos, então, dar atenção ao garoto. Apanhamos lápis e papel na bolsa e começamos a brincar com ele. Dado o nosso trabalho, feito sempre em conjunto (nós e ele), o chão ficou cheio de papel picado, porém 15 minutos antes do término da viagem, combinamos recolher todo o papel e deixar tudo em ordem. A criança ficou entretida o tempo todo, não aborrecendo ninguém.

Eis que a avó se dirige a nós; "Meu Deus, que fazer agora com essa criança! Respondemos prontamente: "Faça apenas o que fizemos".

Se observarmos uma mãe, andando com o filho, na rua, vemos que a mãe anda no passo normal e a criança corre para acompanhá-la.

Achamos que é tempo de os pais não cometerem os erros incríveis que vêm cometendo, procurando conhecer melhor as necessidade de seus filhos, como crianças que são.

Não devemos esquecer que a primeira coisa indispensável dentro de uma casa é o bom entendimento entre pai e mãe quanto à educação dos filhos. É necessário também que se aceite a criança como ela é, e não como gostaríamos que fosse. Diante das infinitas combinações genéticas possíveis, a criança poderá parecer-se com o pai, com a

mãe, mas também poderá ser parecida com os avós. E os pais, muitas vezes, observam seus filhos e não encontram aquilo que imaginavam.

Outro erro muito grave cometido pelos pais é a "transferência". Desejam que seus filhos façam aquilo que eles não conseguiram fazer, por motivos vários. Por exemplo: - "o pai é enfermeiro e quer que seu filho seja médico".

Devemos novamente lembrar que "a criança não é um objeto e muito menos, um brinquedo - "é um ser, uma personalidade e como tal deve ser respeitada".

Quanto às aptidões da Criança, elas devem ser observadas, à medida que surgem, para que sejam desenvolvidas e aproveitado no momento oportuno, quando reveladas.

É claro que o amor da mãe pode fazer milagres. Uma mãe que se dedica inteiramente ao filho, que lhe dá oportunidade de manipular certos objetos, permitirá seu desenvolvimento. Seria importante que ela tivesse também noções de psicologia.

Aqui aparece novamente o problema das creches, onde a falta de carinho das mães, poderia ser amenizada pelas funcionárias, preparadas para esse fim. Por melhores que sejam as creches nunca poderão suprir o ambiente familiar. Na França, foi encontrada, até certo ponto, uma solução - é o que se chama "babá" ou "ama". Esta fica durante o dia em sua própria casa com 2 ou 3 crianças de famílias diferentes, a fim de proporcionar-lhes ambiente familiar. Essas amas, naturalmente são pessoas que foram controladas no plano moral, e que, quase sempre recebem visita de uma assistente social.

Ainda na França a solução mais eficaz, é dar um salário para a mãe que fica em casa, cuidando do seu bebê até os 18 meses. Seria uma indenização correspondente a 75% do ordenado que receberia se estivesse trabalhando (ordenado não muito alto, relativo aos das jovens que trabalham como balconistas, datilografas, etc.).

Vem-se observando, no entanto, que as mães de nível salarial mais baixo, concordam em ficar em casa. Isto não se dá com as mães de categoria profissional mais elevada (médicas, professoras, advogadas) pois, trabalhando, sua remuneração é muito maior. E o que se

vê presentemente é que as creches atendem exatamente os filhos dessas pessoas, de nível mais elevado.

Nada pode substituir o ambiente familiar. A criança vivendo com sua própria família ficará em contacto com seus irmãos maiores, com os pais, avós, enfim com pessoas de faixas etárias diferentes, permitindo-lhe perceber o relacionamento existente entre todas essas pessoas. Há, porém, certas famílias, com estrutura muito fechada, que não se ligam demais a outras pessoas de fora - isto pode refletir desfavoravelmente na criança porque ela é imitadora. Seria conveniente que as famílias soubessem ser benevolentes com as pessoas de fora, as acolhessem e não formassem núcleos tão rígidos e fechados para - "plantar na criança a semente da fraternidade.

Sabe-se que a criança é, de início, bastante desajeitada, não fazendo suas atividades manuais com precisão. Por esse motivo, é necessário dar-lhe oportunidade para aprender, proporcionando-lhe, inclusive, tarefas que estejam um pouco acima de suas reais possibilidades, para que se exercite. E isto pode ser observado nas EM, onde a criança se veste, se despe, aprende a dar laço nos sapatos, etc.

É muito comum observar-se, também, a mãe desejar, ainda que incoscientemente, que seu filho não cresça, para continuar "bebezinho". O pai, ao contrário, por ser mais ambicioso, deseja vê-lo crescer com rapidez e realizar suas aspirações, o que acarreta, no mais das vezes, choque entre o casal.

Deve-se propor à criança, tarefas mesmo com dificuldades acima de suas reais possibilidades e admitir que haja fracasso momentâneo. Isto não tem importância, pois todos nós aprendemos muitas coisas, por tentativa, às apalpadelas, errando, fracassando e recomeçando tudo de novo - é necessário que se dê, à criança também essa oportunidade.

A criança, muitas vezes, pede para auxiliar a mãe nos afazeres da casa, mas, se por ventura, fizer alguma coisa errada, como deixar "cair água no assoalho", é imediatamente repreendida. A mãe, no entanto, deveria compreender que a criança necessita fazer muitas tentativas para acertar futuramente.

O ambiente da casa começa a ficar restrito, quando

a criança atinge o período de 2 e 3 anos de idade, momento exato de começar a frequentar a EM. Mas, nesse estabelecimento, o ambiente é completamente diferente a começar pela professora que, sendo uma apenas, necessita atender de 30 a 40 crianças, não podendo cada uma delas receber as mesmas atnções que lhe eram dadas pela mãe (isto quando não trabalha fora).

Essa transição de início, nem sempre é bem interpretada pela criança, que chega a chorar nos primeiros dias de escola, no que deve ser respeitada. Talvez valesse a pena, a mãe levá-la primeiramente para visitar e conhecer a escola, lá ficando apenas uns momentos, em companhia das outras crianças, sem a obrigatoriedade de permanecer o tempo todo; no 2º dia poderia ficar um pouco mais e assim sucessivamente até acostumar-se ao novo ambiente. Seria interessante que algum tempo antes, já se falasse da escola, da professora, dos novos colegas etc.

A escola tem que ser vista pela criança como uma promoção - ela cresceu, chegou a outro "status", já pode frequentá-la.

Muitas vezes, a criança deseja que sua mãe lhe compre uma malinha, no que, nem sempre é atendida, dada a não necessidade da mesma na EM, uma vez que o material a ser usado fica guardado na própria escola. Achamos que não custa nada satisfazer esse desejo, porque, depois de uns dias, a própria criança não vendo necessidade do seu uso, deixará de carregá-la. Sua atitude, quase sempre é de imitação, uma vez que o irmão mais velho usa mala, quando se dirige à escola.

As próprias crianças nos ensinam muitas coisas. É o caso de um garotinho, que morava bem perto de uma escola com os cursos: EM, primário e ginásio.

O menino demonstrou grande interesse em frequentar essa escola, no que foi atendido quando completou idade. E no dia marcado, lá se foi ele, com sua malinha, muito contente.

Ao voltar foi inquirido pelo avô. "Então, que me diz da escola?" E a resposta foi esta. "Não gostei muito, porque lá é tudo muito parecido com a minha casa".

Por observar o movimento da escola, quase que diariamente, imaginava que, para ser aluno, deveria levar uma porção de li

vros, ter disciplina e fazer fila, antes de entrar em classe, como procediam as crianças maiores dos cursos primário e ginasial. Para ele, a EM foi um grande desapontamento.

Também, muitos pais imaginam, que levando seus filhos para a escola, abdicam de sua responsabilidade, pois, a tarefa educativa seria confiada exclusivamente aos professores. Mas, não é o que acontece uma vez que nada poderá substituir a família: - uma completa a outra.

Assim como não deve haver contradição entre pai e mãe, no que se refere à educação da criança, também não deve haver contradição entre família e escola. Para isso, seria interessante que os pais conhecessem de perto a escola onde matriculam seus filhos, não somente numa primeira visita, mas fazendo visitas posteriores e ficando, até na própria sala de aula, como observadores apenas. Isto permitiria que muita coisa despercebida em casa, fosse revelada em relação à atitude, aptidões, temperamento etc. dos próprios filhos. (talvez descobrissem uma criança que não conhecem perfeitamente).

Nas várias visitas por nós efetuada, pudemos observar que quando a criança está entretida numa atividade que lhe interessa, a entrada de um adulto na classe não atrapalha. Temos a certeza de que, se os pais ficarem sentados num canto da sala, como simples observadores, o filho chegará até ignorar sua presença. Nesta visita, a mãe deveria observar como age a professora dentro da sala de aula, quando há algum desentendimento entre as crianças. É comum ouvir-se esta pergunta: "como a senhora faz para atender mais de 30 crianças se eu, muitas vezes, fico atrapalhada com meus 3 filhos?"

As mães ignoram que quando a criança vai para a escola, começa a ser informada a respeito de muitas regras que deve obedecer sempre. E, aos poucos, se habitua com esse regulamento que é rígido e, de certo modo imutável.

Em casa é diferente. Às vezes a criança está entretida, fazendo alguma coisa que lhe agrada, quando a mãe verifica necessitar sair, com urgência, para fazer compras; e sem mais aquela, tira o filho de sua atividade, exigindo que a acompanhe. Outras vezes, fica zangada por coisas que, em outra ocasião, deixou passar desapercebido, não tendo uma mesma atitude sempre. Isto faz com a criança não saiba

como agir, pois, é necessário que as regras do "jogo" sejam sempre as mesmas.

Acontece também ver-se crianças serem taxadas de praticarem a mentira e o roubo. Uma criança pequena que não mente, pois ela não tem ainda uma noção de verdade; aquilo que ela imagina, é verdadeiro e, os pais, no mais das vezes, não compreendem essa atitude. Quanto ao roubo, deve-se dizer que a criança levará, sem constrangimento, um brinquedo da escola ou de um colega, porque ainda não tem noção de propriedade, imaginando ser seu aquilo que manuseou com tanta satisfação. Ao professor e aos pais, cabe orientá-los nesse sentido, - à medida que forem aparecendo as oportunidades.

Abordaremos agora o assunto das recompensas e castigos, assunto esse que se coloca também dentro da família.

Quanto à recompensa, devemos dizer que o ideal seria não premiar a criança pelo que fez de bom, para permitir a gratuidade de seus atos - se fez bem feito é porque assim deveria fazer.

Quanto ao castigo, daremos um exemplo: numa sala de aula há, sobre as mesas, material diverso para atividades do dia, inclusive uma caixa cheia de continhas coloridas. Uma Criança, um tanto estabanada, derruba a caixa e as contas espalham-se pelo chão. A professora, aborrecida com o incidente, põe a criança sentada numa cadeirinha, que assim permanece por longo espaço de tempo. Já cansada, dirige se à professora: "Dona, queria dizer-lhe uma coisa" ao que a educadora consente. Ouve-se, então da criança: "se você me perdoar, eu também a perdoo".

A verdadeira sansão, nesse caso, seria fazer com que a criança recolhesse as continhas, no que talvez fosse auxiliada pelos colegas.

Outro exemplo - Um garotinho puxa o avental de sua colega com tanta força, que arranca um botão. A professora, agindo corretamente diz: "Agora você vai pregar esse botão, para reparar seu erro". O menino, munido de agulha e linha, procura, em vão, atender à ordem da professora. A expressão do seu rostinho demonstra claramente a impossibilidade da execução de tal tarefa. Eis o grande castigo - não poder reparar o erro cometido.

Seria muito importante que houvesse continuidade

entre a ação educativa da escola e a ação educativa da família. Assim, a criança poderia prosseguir, em casa, as várias atividades exercidas na escola, nos feriados e dias em que fosse impossibilitada de sair, ou por doença ou, por outro motivo qualquer. Apesar de não poder contar o farto material utilizado na EM, poderia usar papel lápis, tesoura, revistas para recortes, etc.

A educação consiste em fazer a criança crescer continuamente e transferir o aprendizado para situações diversas, à medida que se desenvolve.

É necessário dar-se à criança, a partir dos 15 meses, noções de responsabilidade, para futuramente preservar sua liberdade.

Devemos dizer, agora, algo que temos certeza ser utópico - seria muito importante que a criança pudesse ter dentro de sua casa, um cantinho só dela e, pelo qual fosse responsável, onde guardasse suas coisas, dispondo-as e arrumando-as a seu gosto.

Para isso, seria necessário haver maior relacionamento entre a família e a escola e maior compreensão dos pais.

A Omep. recomenda que se façam reuniões periódicas de pais, com a participação do médico escolar, do assistente social, do diretor e dos professores, com o objetivo de haver maior entrosamento entre escola e família e, dar-se certas noções básicas aos pais sobre educação.

Outra função muito importante da escola é a de poder auxiliar os pais na confirmação de determinadas deficiências físicas, sensorial, visual, auditiva, etc. A professora terá mais facilidade, por comparação, de verificar quais as crianças deficitárias.

Há casos surpreendentes, de como os pais não percebem as deficiências dos filhos. Uma criança de 4 anos, bastante surda, teve seu defeito físico evidenciado pela professora, o que causou surpresa à família, que até então nada percebera. E já sabemos que o surdo terá suas operações mentais bastante limitadas, se não for atendido prontamente.

Concluindo, devemos evidenciar que a educação pré escolar, para ter sucesso tem que ser feita em estreita ligação com a família.

Transcrito da gravação, sem revisão da conferencista.

M. 97/75 - Exp. Ed. 101 - A.C.

E D U C A Ç Ã O M A N U A L

Hoje, gostaríamos de falar sobre Educação Manual —— o homem, o que ele tem à mão, o que ele pode fabricar, "o homem que fabrica".

Acreditamos na importância atribuída à educação manual, portanto, não falaremos sobre todos os exercícios que podem ser executados, exercícios esses que proporcionam o desenvolvimento sensório-motor, ou seja, colagem, recorte, triagem, enfiar contas, colorir, mas apenas nos deteremos em alguns deles.

Daremos, de início, ênfase ao trabalho de colorir. Em conversa com um professor de desenho que declarava ser o desenho uma maneira da criança expressar-se, pudemos complementar dizendo ser o colorido um exelente exercício motor com valor de ginástica manual.

No entretando, todos os exercícios propostos a uma criança devem ter sempre um aspecto motivacional, permitindo-lhe fabricar ou produzir algo que lhe cause satisfação. Chamaríamos de motivação afetiva, ou seja, fazer alguma coisa para presentear, para usar, para brincar etc.

Em visita realizada a uma escola, encontramos crianças em atividade de recortes. Recortavam figuras de catálogos, tendo a professora estabelecido critério:

- vocês vão recortar as figuras de brinquedos que reconhecerem no catálogo e em seguida colar na folha.

Os catálogos eram variados apresentando figuras de roupas, brinquedos, utensílios de cozinha, etc....

Feito o trabalho, a professora perguntou:

- agora que tudo está colado, o que vocês farão com estas folhas?

Ao que as crianças responderam:

- nada.

Nesta oportunidade, a professora não utilizando estes mesmos recortes, deixou de realizar um desenvolvimento estratégico da linguagem, enriquecendo o vocabulário das crianças.

Uma atividade lúdica em forma de jogo de palavras po-

deria ter sido aplicada. Como sugestão, vamos admitir as folhas com os recortes colados, como sendo fichas. As crianças de posse das suas fichas, sentadas umas à frente das outras e induzidas pela professora, brincariam perguntando:

- quem tem um brinquedo? ou
- quem tem um utensílio? ou ainda
- quem tem uma cama?

No desenrolar desta atividade lúdica, as crianças estariam adquirindo conhecimento sobre as coisas que as cercam e motivadas para outras atividades deste tipo.

Outro tipo de material, usado com o objetivo de levar a criança a desenvolver sua habilidade motora, consiste numa pequena prancha com orifícios, onde a criança, enfiando cordões e cruzando, termina por um amarrado. Essas pranchas são chamadas "ardosias perfuradas". Este tipo de atividade também deveria implicar em motivação, dando à criança uma situação tal, de trabalho, de forma a realizá-lo com uma finalidade: uma boneca, com vários vestidos que podem ser trocados e fechados nas costas exatamente com ilhoses e cordões. A criança, ao vestir a boneca, estará realizando, com interesse, a atividade motora proposta.

No material Montessoriano existem pranchas, onde a criança aprende a amarrar, a abotoar, etc., material muito fácil de ser fabricado, com qualquer pedaço de pano, na própria sala de aula.

Tivemos ocasião de ver crianças, usando aventaizinhos em sala de aula, e como brinquedo, amarravam ou abotoavam os aventaizinhos umas das outras. —— "brincar com o avental da coleguinha", realizando ao mesmo tempo o exercício motor proposto.

Insistimos na motivação dos trabalhos dados, para que a criança compreenda e sinta, inclusive, interesse em fazer o que lhe está sendo solicitado.

Toda educação manual consiste exatamente em fazer com que a criança chegue à capacidade de "apreensão fina". Ela já sabe pegar com a mão inteira - apreensão - mas gradativamente passará a usar inclusive a ponta dos dedos —— apreensão fina.

Assinalaremos, agora a importância dos exercícios de

triagem, realizados com material variado e de baixo poder aquisitivo, destacando-se aqui as contas, sementes de vários tipos e cores (lentilha, semente de abóbora, girassol, milho feijão e ervilha) macarrão, pequenas fichas de papel-cartão etc.

— NOTA - Na França, podemos usar, para esta trabalho, as castanhas.

- É claro que quanto menor a semente mais delicado é o trabalho para a criança. Caixas de vários tamanhos serão usadas nesta atividade de triagem. Por exemplo:

As caixas de fósforos, poderão ser auxiliares no trabalho de triagem de sementes, da seguinte forma: no fundo de cada caixa será colado um grão que vai indicar quais os grãos que deverão ser colocados naquela caixa. As crianças, sentadas, ao redor de uma caixa maior contendo grande variedade de sementes, selecionarão e colocarão nas caixinhas as sementes correspondentes.

Outra variedade desta atividade poderá ser realizada com varinhas de tamanhos diferentes, quando as crianças colocarão as maiores numa caixa e as menores em outra caixa etc.

A seleção também poderá ser feita, levando-se em conta o atributo cor e, como exemplo, vamos citar uma atividade que assistimos aqui no Brasil, quando as crianças estavam colorindo macarrão, para posteriormente realizarem a triagem, confeccionando colares, pulseirinhas, etc.

Na França, as chamadas, "letras que cantam" são usadas nesta seleção ou melhor dizendo, nesta triagem, com o objetivo de familiarizar a criança no aprendizado das letras. Sem dúvida esta atividade é do agrado das crianças, trazendo bastante satisfação também aos pais. Esta atividade é conduzida pela professora da seguinte forma:

- de início fazer uma opção, usando letras de forma ou letras manuscritas;

- cada letra tem a sua cançãozinha correspondente. Neste exemplo enfocaremos a letra "a" sendo sua canção Frère Jacques;

- cartõezinhos onde estão escritas as vogais dentro de um recipiente qualquer;

- a professora deve estar com um apito e combinar para dar o sinal de início para procurar e, depois o sinal para terminar.

Cantando Frère Jacques, as crianças procurarão os cartõezinhos com a letra "a". Terminada a atividade, contam o número de cartõezinhos encontrados. A professora entrega uma folha de papel a cada criança e ela então transcreve aí, quantos "a" ela tiver tirado da caixa. A criança que foi rápida e tirou cinco cartões, então ela desenha cinco "a", se foi mais rápida ainda e retirou oito cartões ela desenha oito "a".

Consideramos este exercício como forma de motivação para a escrita, diferente, portanto, de uma tarefa em que a professora entrega o papel e diz:

- você vai encher esta folha de "a". A professora encontra, ao aplicar este exemplo, uma justificativa para a realização da escrita. Este aprendizado se inicia com as vogais, principalmente com as crianças pequenas (5 anos), por serem as mais fáceis. Depois paulatinamente e com crianças maiores, vai introduzindo as consoantes levando em conta aquela que apresentam dificuldades como o p e b ou p e q.

Insistimos aqui dizendo que o importante é a forma de apresentação da atividade. Ela não deverá ser imposta, mas sim proposta de forma atrativa, e a criança fará na medida em que se sentir interessada e motivada.

Falaremos agora, alguma coisa sobre o material para pintura.

Tintas, pincéis, guaches, toda uma variação de lápis - preto, de cera, de côr — e de canetas — hidrocor, bic etc. — todo este material, o mais variado possível, deve ser colocado à disposição da criança, para uma escolha livre, sem qualquer interferência por parte da professora. O desenho constitui uma das atividades mais importantes a ser desenvolvida pela criança. devendo desenhar livremente, aquilo que quer e quando quer.

Vez por outra, no entretanto, a professora poderá sugerir o tema, agindo da seguinte forma:

- conta uma história, "o chapeuzinho vermelho", por exemplo, mais ou menos no início do ano escolar. Ao terminar de contar a história propõe às crianças que façam o desenho do chapeuzinho vermelho. Cada um fará o desenho de acordo com sua capacidade, no momento.

A professora recolhe as folhas e coloca o nome da criança e a data da execução. Mesmo as folhas de crianças que nada puderam realisar, devem conter o nome do aluno e data.

Alguns meses após esta tarefa ter sido realizada (3 ou 4 meses), a professora volta a contar a mesma história e novamente vai propor às crianças o desenho do Chapeuzinho Vermelho. Este desenho será recolhido e guardado, contendo também, o nome da criança e data.

Depois de algum tempo, esses desenhos, devolvidos à criança, lhe darão oportunidade de comparação e percepção do seu próprio desenvolvimento, levando-a a observação tais como:

- "quando eu era pequena ,... (este pequena foi a 5 ou 6 meses atrás) eu não colocava os olhos aqui, ou não colocava os braços, e assim por diante".

Será uma tomada de consciência pela própria criança, do seu próprio desenvolvimento e capacidade. Ao mesmo tempo percebe que o trabalho que ela vem executando na escola, leva a um desenvolvimento e a um enriquecimento da sua capacidade.

Na França, costumamos dar a criança, oportunidade de desenhar livremente, enquanto vai contando histórias para si mesma. É evidente que o adulto que está ao seu lado, nada entenderá daquele desenho, mas para a criança ele terá um significado todo especial, relacionado com sua vida e com seus interesses e somente a ela, a criança, caberá a interpretação do desenho. Os adultos não são capazes de "enxergar" o que a criança desenhou.

Sabemos que esses desenhos, interessam bastante aos psicólogos para seus estudos, cabendo à eles o direito de interpretá-los. No entanto, achamos que a professora não deve ter a pretensão de buscar um significado nestes desenhos.

Para que pudesse ser feito um estudo psicólogo de desenhos das crianças das várias partes do mundo, foi proposto, na reunião da O.M.E.P. em 1966, a todos os países participantes, o tema "Eu e minha família". Todos os países apresentaram trabalhos dos seus vários jardins de infância e con eles montou-se uma exposição em Paris, por ocasião do Congresso Mundial da O.M.E.P. em 1966. Salientamos aqui a participação da Austrália: não somente da região por nós chamada de civiliza-

da, mas também o de aborigenes apresentaram sua contribuição.

Em linhas gerais, estas foram as conclusões a que chegaram os psicólogos:

- os desenhos vindos dos países árabes, apresentavam sempre muita gente, famílias muito numerosas, mas constituídas só de homens, sendo a mulher sempre uma figura muito pequena e distante. Sabemos muito bem do grande privilégio de que gozam os homens, dentro dos costumes árabes;

- os desenhos vindos dos países nórdicos eram particularmente cheios de ângulos;

- os desenhos vindos dos países quentes eram sempre muito redondos.

Baseados nesta pesquisa, lançamos aqui uma pergunta, pergunta feita especialmente aos linguistas:

"Haverá relação entre estas representações - gráficas e a língua falada nessas regiões? As palavras nórdicas contêm muitas consoantes e os desenhos apresentados eram bastante angulosos, ao passo que as regiões mais para o sul, cujas palavras contêm mais vogais, apresentaram desenhos mais redondos. Que relacionamento haverá entre êles?

Voltaremos, agora, a falar sobre a programação da Rádio Escolar mantida sob os auspícios do Ministério da Educação da França, detalhando melhor esse tipo de programação. A Rádio Escolar mantém uma programação apresentada 2 vezes por semana (dois quartos de hora semanais). As escolas interessadas na programação radiofônica, receben do Ministério de Educação uma brochura contendo a programação total a ser apresentada e ainda informações sobre os atores e comediantes. Estes indivíduos foram preliminarmente treinados para as apresentações, devendo falar em rítmo mais lento, articulando bem as palavras, evitando o uso de vozes que possam ser assustadoras a um público-ouvinte dentro da faixa etária de 4 a 7 anos. As professoras podem enviar sugestões, histórias para serem contadas, podendo mesmo escolher e selecionar os atores para a apresentação.

Ao mesmo tempo em que recebem a programação, recebem também uma ficha pedagógica contendo informações quanto à disposição das crianças no momento da emissão da programação radiofônica, e orienta

ções para uma exploração pedagógica com as crianças, após a emissão.

Uma ficha - relatório deverá ser enviada à Emissora, após cada apresentação dizendo dos resultados, o que haviam observado, qual o interesse demonstrado pelas crianças, qual o aproveitamento do trabalho. Pudemos constatar que, atividades tais como, representações, dramatizações e muitas vezes o desenho livre; haviam sido realizadas, tendo como tema a história apresentada na programação.

Um outro tipo de apresentação são as "contines" -histórias muito curtas, que podem até ser contadas por uma criança, versinhos, quadrinhas e até mesmo cantigas de ninar. Este trabalho foi apresentado inclusive em outras línguas, com o objetivo de se mostrar às crianças que, em outros lugares do mundo, apesar de usarem uma língua diferente, existem outras crianças que brincam, que gostam das mesmas coisas, que sentem as mesmas coisas, buscando-se com essa idéia uma aproximação entre todas as crianças do mundo.

A audição de músicas de grandes compositores, Mozart, Bach, etc. também fazem parte desta programação. As crianças são indozudas a ouví-las em silêncio e de olhos fechados. A duração desta atividade é bastante reduzida, exigindo um grande esforço e atenção; naturalmente a professora deverá propor um brinquedo, um jogo, após sua apresentação. Essa atividade recebe o nome de Audição Pura.

No entretanto, poderá haver um tipo de atividade auditiva com a participação da criança. Enquanto a professora conta uma história, a música acompanha os fatos desenrolados, bem como sons característicos. Assim:

"Um menino foi convidado para uma festa na aldeia. Prestem bem atenção, (ouve-se o barulho de uma porta que se fecha) ouviram? Ele está saindo de casa para ir à festa.

- (grasnido de patos e galinhas).
  Está passando perto de um sítio.
- (barulho de água).
  está atravessando a ponte e aí perto está o moinho.
- (barulho do vento nas árvores e canto de passarinhos.
  está passando pelo bosque.
- (começa a ouvir uma música que vai aumentando cada

vez mais e então ...) o menino chega à aldeia onde há a festa, parque de diversões etc.

No auge da música, a profcssora dirá: Vejam ... ele já está na festa, está se divertindo bastante. Já no fim da tarde, ele volta para casa... Agora, vocês é que vão contar os lugares por onde ele vai passar. E assim, à medida que a música se desenrolar, as crianças vão contando todos os lugares por onde o menino passa, na volta, interpretando os sons da música.

Esta é uma audição com participação.

Outro tipo de programação apresentada pela Rádio Escolar, consiste em cenas com personagens pertencentes a uma família - o pai, a mãe, o avô, a avó, os amigos e duas crianças - um menino de 4 anos chamado Juli e uma menina de 5 anos chamada Natalie. As duas crianças fazem perguntas sobre assuntos os mais variados. Um dos temas apresentados foi "Onde vão as ruas", que envolvia perguntas tais como:

- como é que se faz o pão?
- vamos então fazer uma visita à padaria?

Constitui um meio de se oferecer conhecimentos às crianças dentro de uma situação dramatizada.

NOTA - Informamos que a programação do Juli e da Natalie está a nosso cargo com a colaboração de seis inspetoras, e que depois de elaborada é enviada à Rádio Educativa. Os atores são profissionais. Os papeis das crianças são desempenhados por adultos. Certa feita propuzeram-nos ouvir uma gravação e perguntaram:

- ouvindo esta voz, a senhora pode identificar o personagem? ao que prontamente respondemos, bastante segura.

- sim, é um menino de 10 anos.

Uma senhora de cabelos brancos, sentada ao nosso lado disse-nos.

- sou eu quem desempenha este papel.

Este segredo é muito bem guardado e os ouvintes infantis jamais souberam da verdade, assim como nenhum deles, depois de acompanhar a programação dos 4 aos 7 anos de idade se lembrou de perguntar:

- "o Juli e a Natalie não crescem? têm sempre a mesma idade"?

De todas as apresentações levadas ao ar pela Rádio Escolar, a que apresenta maior dificuldade é a referente aos poemas, devendo atingir crianças de 6 a 7 anos. São Crianças que já estão no Curso Primário, de acordo com o período de escolaridade na França, e justamente a dificuldade reside no fato de, na escolha do poema, levar-se em conta os interesses diversos desta faixa de idade, ávidas em experiências novas e muito ricas de elementos.

Agora, gostariamos de falar também do enriquecimento do ser humano que se faz através da linguagem, na aquisição de novos elementos. Exatamente nesta faixa de idade correspondentes à Escola Maternal é que esse enriquecimento tem maior extensão. Segundo opinião de um grande linguista —— a aptidão da criança para aprender línguas surge aos 15 meses e desaparece em torno dos 8 anos. Infelizmente na França, o ensimo de línguas estrangeiras se faz a partir dos 11 anos, quando a criança já não tem aptidão para aprendê-las. Então, dentro da realidade escolar esse aprendizado se faz de qualquer maneira, com muito esforço e muita dificuldade por parte do aluno, não atigindo uma pronúncia perfeita.

Os exercícios manuais também são fonte de enriquecimento do vocabulário na medida em que a criança aprende o nome dos objetos utilizados na atividade manual.

Os exercícios sensoriais dão também oportunidade de aquisição de vocabulário bastante preciso.

As palavras abstratas, as mais dificéis de serem aplicadas, podem ser ensinadas através de contos, histórias de animais etc., onde a raposa representa a astúcia, o lobo é sempre o malvado, o gato representa a graça, o cão representa a fidelidade. Nestas representações a criança aprenderá estas palavras e será capaz de aplicá-las posteriormente, na oportunidade certa.

Existem vários truques dos quais a professora poderá lançar mão para o enriquecimento do vocabulário das crianças. Por exemplo:

Damos uma folha de papel à criança, e perguntamos; o que poderemos fazer com uma folha de papel? Podemos dobrar, desdobrar, cortar, recortar, colar, amassar, desamassar, plissar, desplissar, etc. Várias coisas podemos fazer com uma folha de papel, até mesmo rasgá-la. No aprendizado destes verbos, a criança estará aumentando o seu vocabulário

e lógicamente enriquecendo sua linguagem.

Outro exemplo:

Considerando-se o vocabulário restrito de uma criança pequena, sabemos que ela têm tendência para usar a afirmação e a negação - (bonito - não é bonito, pesado - não é pesado) recorrendo à negação para expressar o contrário. Vamos então usar o jogo dos contrários. A professora propõe às crianças:

- vou dizer uma porção de palavras, vocês vão repetir comigo.

- grande, pesado, bonito, bom, pequeno, leve, mau, feio.

- agora eu vou dizer a palavra e vocês dizem o contrário.

A princípio pode haver crianças que não percebem o mecanismo do jogo e repitam a palavra, mas logo elas percebem o que a professora pretende e tomarão parte ativa no jogo.

Outra maneira muito interessante de enriquecimento de vocabulário diz respeito aos exercícios de observação e comparação do real, envolvendo frutas, flores, objetos, animais etc.

Realizando este tipo de operação, ou seja, observando e comparando dois ou mais objetos ela aprenderá novos vocabulários e lógicamente enriquecerá sua linguagem.

Nas atividades de Jardinagem, principalmente por ocasião da primavera, a observação e comparação serão de grande valía, levando a criança a conclusões e resultados. Vários potes contendo semente e colocados em situações físicas diferentes - sem água e sem luz, com luz e sem água; sem luz e com água, com luz e com água - depois de um período de observação e comparação, levarão a criança a concluir sozinha que, para que uma planta cresça é preciso que ela tenha luz, água e ar.

É o início de uma experiência científica cujos resultados são evidenciados pela própria criança.

A criança passará a sentir que ela não deve aceitar as coisas simplesmente como elas são vistas, mas que ela é capaz de, por si própria, observar e chegar às suas conclusões.

Transcrito de gravação, sem revisão da conferencista.

A.C.

Modelo n) 86/75 do Expediente de Ed.101

A ESCRITA PREPARATÓRIA À LINGUAGEM

NOSSO TEMA DE HOJE É A ESCRITA PREPARATÓRIA À LINGUAGEM

Tudo o que é utilizado para uma educação manual - pincel, giz - vai contribuir para uma preparação à escrita. É por isso que o lápis preto deve ser incluído no material de que a criança dispõe para suas atividades de arte, porque realmente, na hora de escrever, será o material empregado.

Colorir figuras constitui um ótimo exercício de adestramento manual que não deve ser confundido com desenhar, que é uma atividade que inclui criatividade.

A criança já tem, em geral, capacidade para começar a escrever entre 4 a 5 anos e meio de idade.

Uma criança que vê a mãe escrevendo uma carta à avó, acha extremamente misterioso que aqueles sinais desenhados sôbre um papel, possam transmitir à avó alguma notícia.

As crianças desejam imitar seus pais e naturalmente, o que se vai ver, são rabiscos. É preciso deixá-los rabiscar, pois este é o início da linguagem escrita. Rabiscos são, no plano de escrita, o que o balbucio representa no plano da linguagem oral.

É preciso saber se uma criança <u>pode</u> escrever e se ela <u>quer</u> escrever. Há exercícios que nos demonstram se ela <u>quer</u> e se já <u>pode</u> escrever, como o seguinte teste:

- Dá-se às crianças uma folha de papel (porque a criança tentará escrever não só com a mão, mas com o braço todo), e um lápis. Há crianças que, já de início, dizem que não querem escrever e então não se deve insistir. Escreve-se na lousa uma palavra "Maria" e a professora dirá: eu escrevi a palavra Maria; agora vocês também vão escrevê-la nesse papel.

De acordo com o que as crianças reproduzirem, já se poderá ver a diferença entre as que podem escrever - porque tentaram fazer sinais diferentes uns dos outros, o que já mostra uma capacidade de análise e, as que ainda não possuem esta capacidade, só fazem sequências de rabiscos.

A partir daí, já se pode colocar sôbre as mesinhas das crianças, seus nomes escritos com letras verticais e redondas (manuscri-

tas) que elas poderão copiar com facilidade. Não se sabe nunca em que momento a criança, que se recusou a escrever, tentará reproduzir o modêlo - seu nome - mas êle está lá e a criança já começa a identificar qual a sua mesa, pelo cartão que contém seu nome escrito. O que interessa, nesta fase, é iniciar a expressão escrita.

O exercício escrito é proposto às crianças mas, se, outra vez, houver as que não queiram escrever, não se vai obrigá-las.

Deve-se ainda oferecer atrativo e oportunidade de iniciativa; assim, folhas de papel coloridas ficarão sôbre a mesa da professora e a criança que quizer escrever deverá ir buscar a sua fôlha e escolher a côr que desejar.

Sôbre a mesa da professora estará também um carimbo com a data, que a própria criança usará em sua folha. As folhas devem ser sempre do mesmo formato e tamanho para que se possa, depois de algum tempo, grampeá-las, formando um caderno.

A professora pode ter um pequeno material de palavras a serem utilizadas, que vai ser apresentado da seguinte maneira:

- pequenos cartões com figuras variadas.
- cada cartão com uma figura, tendo embaixo escrita a palavra relativa à figura.
- assim serão apresentadas séries de objetos, frutas, cores, vestimentos, etc.

As crianças copiarão as palavras e a professora lhes dirá, depois de algum tempo; vocês já sabem escrever e reconhecer estas palavras; isto quer dizer que vocês já sabem ler". É assim começa o processo do aprendizado da leitura: como um jogo.

Vai-se então começar a procurar dar-lhes a oportunidade de copiar e reconhecer o nome de seus companheiros e de sua família.

Outra forma de ensinar a ler e escrever frases será a de escolher uma criança da classe, cujo nome já se aprendeu a escrever (Maria, por exemplo) e propor a seguinte frase, auxiliada por uma figura que também já aprenderam (através do jogo com os cartões). Maria tem uvas.

Assim lança-se mão de um sujeito conhecido (Maria) de uma figura já aprendida (uvas) e introduz-se o verbo (tem). Em francês "tem" corresponde a "a" o que facilita o uso do verbo. Em português poderiamos começar com o verbo "ser": O lápis é azul. Vão-se utilizan-

do, daí por diante, outros nomes e outras figuras e vai-se compondo uma pequena estória. Em seguida, propõe-se à criança que desenhe a estória que foi composta, entrando aqui a parte livre, com a participação e criatividade de cada criança.

A frase pode ser aumentada, em seguida, agregando-se uma palavra qua a criança já saberá identificar, tal como:

Maria tem uvas pretas

Maria tem saia azul, etc...

Tudo isso pressupões semanas de atividade em que a criança, através destes jogos, se diverte, porque ao mesmo tempo que escreve ela também desenha.

As imagens estarão ao alcance das crianças e elas escolherão as que mais desejarem, para formar suas frases. Não se pode esquecer, que provavelmente, a imagem da boneca agradará mais às meninas, ao passo que os meninos preferirão o cachorro ou o automóvel.

Não há perigo de criar nenhuma confusão no espírito da criança, porque sempre haverá o desenho e a palavra escrita. A criança, então, vaí, a exemplo do que acontece quando adquiriu a linguagem falada, formando um vocabulário de que dispõe, agora, em linguagem escrita. Ela é que vai elaborar, para sí, este vocabulário.

A vantagem deste método ativo é deixar a criança livre, para escolher o que ela quer e o que lhe convém. O material fica exposto e será escolhido de acordo com o interesse e o desejo de escrever. Nota-se, assim, o "apetite" de cada criança pela escrita o que Maria Montessori chama de "explosão da escrita".

Numa classe experimental, onde este método foi aplicado, a criança menos dotada aprendeu, em um ano, 10 palavras e a mais dotada chegou a aprender 50.

Ao fim de algum tempo, observa-se que as crianças passam a escrever de memória, sem procurar as figuras de apoio e, então, elas mesmas afirmam: "agora eu sei."

Essa classe experimental abrigava alunos de 4 e 4 anos e meio e a criança que conseguiu aprender as 50 palavras era a mais nova de todas.

Neste método não há absolutamente a preocupação de alfabetização propriamente dita; é um método que visa a expressão escrita.

Quando a criança começa a escrever com facilidade as pequenas frases, ela é incentivada a escrever na lousa, sem o modelo e assim ela se liberta dos cartões com as figuras. E se convence de que é capaz.

A criança, quando começa a escrever, - por exemplo, a palavra Maria - vai fazer o M de diversas maneiras até que lhe pareça o melhor desenho; e aqui também se repete o processo usado pela criança quando ensaiava os primeiros sons, procurando falar uma palavra ouvida.

A alfabetização será feita apenas no 1º ano primário (6 a 7 anos de idade). Antes disso, é desenvolvida a parte sensorial e a expressão escrita.

Uma criança que após este treinamento não souber ler aos 7 anos, deverá passar por alguns testes, pois será um caso excepcional.

Todas as crianças não terão, naturalmente o mesmo nível e depois de algum tempo começam a surgir as "descobertas" individuais, por exemplo, juntando parte de uma palavra com parte de outra, para compor uma terceira palavra ainda não ensinada. É o desenvolvimento pessoal de cada criança, que leva ao aprendizado. Quando a criança chega a descobertas deste tipo, temos a melhor demonstração de que está apta para a leitura.

Após algum tempo de exercícios livres com as palavras aprendidas, as crianças pedem, à professora, palavras novas, sobretudo verbos, para poderem compor estórias mais elaboradas. A professora então fará cartões com os verbos pedidos "dá", "vê", "canta", etc..... mas dirá às crianças que estes cartões são emprestados e que elas devem devolver, quando souberem escrever sozinhas, sem precisar do auxílio oferecido pelos cartões. Isto incentiva o interesse em aprender mais rapidamente a escrever de memória.

Para passar ao conhecimento da letra de imprensa, fazem-se dois alfabetos: um cartão grande, com várias letras manuscritas e já conhecidas e cartões pequenos com apenas uma letra - de um lado em letra manuscrita, de outro em letra de imprensa. A criança deverá colocar os cartões pequenos sôbre as letras correspondentes do cartão maior. É um jogo que desenvolve observação.

Numa primeira etapa, a criança usará apenas o lado do cartão que contém a letra manuscrita, mas aos poucos irá tentando co-

locar sôbre as letras do cartão maior as correspondentes em letra de imprensa, o que leva à identificação.

São jogos de atenção visual, preparatórios à leitura, empregados entre 4 e 6 anos. Se a criança os fez com prazer nesta fase, ela começará também com satisfação a leitura.

Como as folhas todas são guardadas, após 2 ou 3 meses, a criança vai rever todo o seu trabalho e vai fazer a seleção; as que ela achar mal feitas serão desprezadas e, com as escolhidas como boas, vai-se fazer um pequeno caderno. Um caderno assim composto, com os trabalhos que a própria criança escolhe como os melhores, vai lhe dar um imenso prazer. E como as folhas são datadas, os pais poderão também acompanhar o desenvolvimento da criança.

As crianças gostarão muito de escrever, se lhes permitirmos escrever quando quizerem, e se não lhes chamarmos a atenção por causa das deformações (as vezes grandes) das letras, o que não deve preocupar.

O que importa é o exercício manual e o treinamento visual, que levará as crianças a desenvolverem movimentos leves e exatos, que vão permitir chegar a uma bonita escrita.

C Á L C U L O

Pode-se fazer muita coisa entre 4 e 6 anos nesta área, para levar a criança à aquisição de técnicas básicas.

Como se aprendeu a fazer a seleção de letras, através de jogos, pode-se também aprender a fazer seleção de algarismos. Começa-se de 1 até 5 e depois 6, 7 e 8, enfim, a criança vai tendo contato com algarismos de diferentes formas.

Podemos fazer jogos com algarismos, onde o que se destaca é a diferença da forma ou, ao contrário, escolher algarismos de formas parecidas, como é o caso de 3 e 8.

Faz-se, nesta etapa, apenas exercícios de atenção visual e reconhecimento de formas, sem nenhuma ligação com a atividade de cálculo.

——— MATERIAL (cartões)

Há exercícios sensório-motores relativos a algarismos - tal como colocar 3 contas sôbre 3 pontos marcados em um cartão, que

tem escrito ao lado o número 3 - que vão familiarizando a criança com os números, sem contudo envolver atividade de cálculo.

Estes exercícios podem ser aplicados à crianças de 4 a 5 anos e meio de idade. Evidentemente haverá crianças que farão bem este tipo de exercício já aos 4 anos e outras que só conseguirão fazê-los aos 5 anos e meio.

——————— MATERIAL (lado 2 da fita, no meio)

Pode-se também empregar grãos para representação dos números e a criança perceberá que quando ela tem em sua mão 10 grãos, a quantidade é bem maior do que quando ela tem apenas 3 ou 4.

Colocados os grãos em linha reta, sôbre a mesa, a criança perceberá que com 10 grãos ela terá uma linha bem mais longa do que com 3 ou 4 grãos. E assim, ela vai adquirindo noções do valor de uma quantidade em comprimento, em volume e com figuras numéricas.

Quando se chega ao número 10, chega-se ao ponto muito interessante de se usar dois algarismos para representar um número. A partir daí, vai-se juntar sempre o algarismo 1.

Para o número 11 o 1 toma o lugar do 0 e assim, para as crianças que aprendem por este método já há a noção de que o 11 é o 10 mais 1.

Todo esse aprendizado levará muitos mêses de exercícios.

As crianças compreendem, através dos exercícios que o valor do 0 é exatamente significar que não há unidade. Como compreendem também que o 0 no 10 está mostrando que o que se tem não é 1 mas uma dezena e que êle será substituido pelos algarismos correspondentes às unidades que queremos representar. Assim, quando se quer representar 4 dezenas, escreve-se o 4 ao lado do zero que está mostrando que são 4 vezes o 10.

As crianças aprendem também que há unidades de 1 a 9, assim como dezenas e centenas que vão de 1 a 9.

Quando não há unidade ao lado da dezena, representamos uma dezena (1) e nenhuma unidade mais (0) o que equivale a 1 dezena e 0 unidades - 10.

Atividades na área do cálculo são realizadas de 5 a 6 anos, porque, nesta idade, as crianças já podem contar até 100 e compreendem muito bem o que é unidade, dezena e centena.

A.C.
M.85/75-Expediente de Ed-101-

Transcrita da gravação sem revisão da conferencista.

O J O G O

Falaremos hoje sobre o jogo.

É interessante ressaltar que já em duas reuniões da O M E P foram feitas conferências sobre este tema: em Zagrel, em 1960 o assunto foi "o jogo, uma necessidade vital para a criança" e em 1971, em Bonn tivemos "O papel pedagógico do jogo".

Todos os animais jogam e os homens, quando crianças, também. Já com 2 meses de idade, a criança começa a jogar com seus pés e suas mãos. Se lhes dermos algum objeto a Criança vai manipulá-lo. É já o início dos exercícios motores.

O Prof. Gesell, de N. York, estudou as crianças até 5 anos, através de muitos filmes e viu como se desenvolve o jogo criador, nas crianças.

Uma criança que não brinca deve nos inquietar e tem-se observado que as crianças com retardo mental não sabem brincar ou abandonam muito depressa seus brinquedos.

Muitos autores escreveram sobre o jogo porque é mesmo um pouco misterioso o fato de que crianças, que ainda nada sabem, mostrem tanta imaginação para criar jogos. Qual poderá ser o significado do jogo, no homem?

Há muitas hipóteses, e são provavelmente todas válidas; pensa-se que, para a criança, é uma liberação de energia, uma necessidade de movimento. Mas isso não explica, no entanto, sua imaginação, que cria as situações.

Pensa-se que seja uma imitação das atividades dos adultos e observa-se também, que nos animais, é já aprendizado, por exemplo, para as caças.

Procura-se explicar o jogo de várias maneiras e pouco importa a nós, educadores, qual seja o seu significado. O que devemos saber é que o jogo é indispensável às crianças e que é necessário que elas possam brincar, de todas as maneiras possíveis.

O jogo é a forma natural da atividade infantil e não podemos pensar que é uma atividade gratuita, que não serve senão para

distrair. O jogo da Criança é a forma natural da expressão, tanto de seu corpo como de sua inteligência e tem um poder educativo essencial para ela.

Nas crianças muito pequenas, para quem a linguagem é pouco desenvolvida e, mesmo, para as de até 4 anos, os têrmos jogo e trabalho são como que sinônimos. Quando se perguntou a crianças de 3 anos que estavam voltando para casa depois das horas passadas no jardim da infância: que fêz você esta manhã? nenhuma respondeu que estivera brincando. Elas todas responderam: - eu trabalhei.

O jogo, para a criança é natural e espontâneo: ela brinca como respira.

O jogo revela o espaço à criança; através dele ela descobre o outro, adquire noções de cooperação e de grupo, ela vai medir suas próprias forças. Se ela tem que saltar um obstáculo, vai descobrir seu próprio corpo e desenvolvimento, sua motricidade, a inteligência se desenvolverá também, porque tudo está interligado. Sempre o aspecto somático e o aspecto psíquico — o corpo e o espírito.

Quando a criança, no berço ainda, começa a utilizar suas cordas vocais no balbucio, ela está também brincando para desenvolver sua capacidade de emitir sons.

Vamos encontrar o jogo no início de quase todas as aprendizagens; quando a criança, no berço, agita as perminhas, ela está, através desta forma de brincar, exercitando-se para andar.

E quando a criança brinca com os objetos, vê-se sua capacidade de imaginação: um cabo de vassoura é um cavalo, um barbante poderá ser uma cobra.

Piaget cita o exemplo de uma criança que brincava com uma casca de noz, que para ela, era um cavalo caminhando por uma estrada.

É importante que se considere a imaginação que cria as brincadeiras, sem nos prendermos apenas à manifestação exterior — que podemos ver, mas que não nos dá a dimensão da importância que tem, para a criança.

É necessário que aprendamos à nos maravilhar com este poder que as crianças possuem. É preciso, nos jardins da infância, criar tempo e lugar para os "jogos livres" — para brincar espontaneamen-

te. Quando são muito pequenas, elas brincarão sozinhas; pouco a pouco, brincarão em grupo, e é preciso deixá-las à vontade.

É preciso sempre organizar o ambiente para que elas encontrem os objetos que podem sugerir à sua imaginação, toda a sorte de sonhos que não poderemos prever.

Há os jogos no interior da classe e os jogos ao ar livre. Para os menores, de 2 e 3 anos, o interesse está voltado para as coisas fundamentais; a areia, a terra, a água.

A atividade livre varia de acordo com a idade da criança. Para as menores há mais tempo livre; para as de 4 e 5 anos, as atividades já são mais organizadas, planejadas, devendo-se sempre deixar - obrigatóriamente - tempo reservado para a atividade livre.

Na França, os pequenos não têm um horário determinado para atividade livre; só os maiores.

Todos os dias, há o "período de acolhimento", à chegada, que dura cerca de 1 hora (de 8 a 9 hs. da manhã) e que é dividido em várias atividades, para as professoras todas. Enquanto as crianças brincam livremente, na atividade que desejarem, a Diretora da escola recebe os pais que, eventualmente, desejem falar com ela e as professoras aproveitam para aplicar algum teste para as crianças que necessitam ser testadas ou agrupar as que apresentam problemas de linguagem e exercitá-las.

Depois deste tempo de liberdade, os maiores — 5 e 6 anos — se encaminham para as atividades organizadas, enquanto os pequenos continuam a brincar em liberdade.

O período do jogo livre, seja no pátio ou na classe, deve ser aproveitado pela professora para observar as reações das crianças, que se revelam inteiramente, nesse momento.

Os jogos organizados para as crianças menores, deverão ser sensório-motores. Não podem apenas ser sensoriais, mas devem incluir movimento. Quanto menores são as crianças, maiores os brinquedos devem ser, porque as crianças ainda não possuem motricidade fina, não possuem preensão digital. Elas pegam o objeto com o braço, com a mão inteira, e não têm ainda capacidade de usar seus dedos para pegar pequenos objetos.

As crianças de 2 e 3 anos gostam muito de empurrar e

deira

puxar, colocar e retirar objetos de dentro de caixas. Um carrinho e uma pá para por terra e logo esvasiar o carrinho, por exemplo, é uma brincadeira muito ao gosto das crianças desta idade, para as quais, as atividades não têm objetivo algum. Enchem o carrinho de terra, mas não será para transportá-la a outro lugar; fazem apenas porque lhes dá prazer.

Devemos também pensar nas atividades que são sobretudo exercícios físicos, porque toda a educação física, no jardim da infância, assume a forma de jogos.

Do ponto de vista da higiene física, os médicos insistem em que na Escola Maternal, uma criança não vai desenvolver a força através de exercícios musculares, mas, habilidade e rapidez.

Na medida do possível, devemos organizar jogos educativos para as crianças. Esses jogos devem apresentar uma progressão de dificuldades, que ela irá superando gradativamente, segundo seu desenvolvimento.

Mesmo na idade de 2 e 3 anos, pode-se agrupá-las, em determinados momentos, para ouvir da professora, o que ela lhes sugere; pode-se pedir-lhes que façam determinados exercícios em conjunto, como por exemplo andar (fora de fila, naturalmente) e ainda outros exercícios físicos de que elas gostam e precisam, como arrastar-se pelo chão, correr, saltar, lançar uma bola.

São todos exercícios em que vão utilizar braços e pernas e, em algum tempo, elas vão-se organizando e se poderá chegar a exercícios mais complexos.

Pode-se dirigir, então, as crianças para jogos coletivos, como por exemplo com bola; instalar várias crianças uma em frente às outras, sentadas no chão (porque é preciso saber, para a educação física, que as crianças pequenas cansam-se ràpidamente e seu sistema nervoso ainda não é suficientemente preciso para advertir de que estão fatigadas. Assim, é preciso evitar as longas permanências em pé).

Bem cêdo elas já se interessam por jogos que chamamos de exercícios de direção: lançar uma bola, por exemplo, num círculo ou num buraco ou na cesta de papéis, de uma distância mais ou menos grande. Isso serve para despertar o interesse da criança pelo companheiro, o que não significa ainda competição, mas constatação do que cada um é capaz

Um dos objetivos da 1ª educação é justamente, o de socializar as crianças, de permitir que estabeleçam entre si um bom relacionamento humano.

O que é preciso prever, é que os exercícios de direção propostos às crianças, possam ser feitos com sucesso por elas, porque, se fracassam sempre, haverá o desinteresse. É preciso que o alvo seja suficientemente grande. Para enriquecer a brincadeira, colocam-se marcasno chao para ver quem consegue atirar mais longe a bola ou, como variante, uma vara de madeira em posição vertical, na qual se devem enfiar argolas atiradas de certa distância.

Este exercício também serve para crianças de 3 e 4 anos, mas, para tornar o jogo um pouco mais difícil, coloca-se o alvo na parede. O alvo pode ter vários círculos que devem ser atingidos pela bola e, se a criança vai empregando uma bola cada vez menor, ela se adestrará para acertar o centro do alvo.

Um outro exercício que desperta interesse, a partir de 3 anos, mas que deve se tornar, naturalmente cada vez mais difícil, à medida que se tornam maiores, é a marcha sobre uma linha. É um exercício que convém a crianças de 3 anos, para desenvolver equilíbrio. Pode-se dificultar um pouco o exercício, fazendo-as caminhar sobre pranchas um pouco elevadas do chão - 10 a 15 cms. - e às crianças a essa altura já utilizam instintivamente o recurso de abrir os braços para ajudar a manter o equilíbrio.

Numa etapa mais adiantada, pode-se superpor uma prancha à outra, aumentando a dificuldade.

Um excelente exercício também que dá a noção de espaço e de direção: uma criança é colocada em determinado lugar e o objetivo está adiante. Diz-se à criança que vá até o objetivo em linha reta e, vedando seus olhos ela deve atingí-lo.

Naturalmente, as outras crianças não podem dizer nada. Quando a criança para, pensando ter chegado ao objetivo, tiramos sua venda e ela percebe que não conseguiu seguir a direção desejada.

A propósito do salto pode-se imaginar um rio, fazendo-se 2 riscas no chão. As crianças gostam muito deste exercício, que explora sua imaginação e adestra seus movimentos, vendo se conseguem trans-

por o rio ou, se, pelo contrário, cairão dentro dele.

O princípio da educação é convidar sempre as crianças a fazerem um esforço para superar-se a si mesmas.

O salto pode ser de distância ou de altura, com fio de barbante a 10cm. do solo, que irá sendo elevado de acordo com a possibilidade das crianças.

Outro tipo de exercício que é muito usado nas escolas primárias é o chamado exercício de percurso; é preciso ter-se determinado espaço e colocam-se vários obstáculos; aqui um rio, alí uma montanha (cadeira) e alí adiante uma ponte e alí uma floresta que é preciso atravessar. Isso exige que as crianças saltem, se arrastem subam e desçam. Este exercício permite que todas as crianças da classe possam tomar parte na brincadeira (em fila indiana) sucessivamente vencendo os vários obstáculos propostos.

Pode-se utilizar, além da imaginação da professora, a imaginação das crianças, criando alternativas variadas, como por exemplo um rio largo e um estreito, para que as crianças possam, não conseguindo superar determinada dificuldade, evitá-la e escolher outra, para a qual tenham possibilidade de sucesso.

Quando se fez várias vezes esse exercício com a professora, vê-se que foram abertas novas possibilidades para a criança porque, pouco a pouco, espontaneamente e sozinha ela vai vencer certos obstáculos que da 1ª vez não conseguiu e vai procurando melhorar seu próprio nível.

Há uma série de obstáculos que podem ser criados, aproveitando o material de que se dispõe - o mais variado possível - para possibilitar os mais variados exercícios.

Evidentemente o fato de se proporem brincadeiras e jogos às crianças, não interfere no tempo de que devem dispor para os jogos livres, que elas continuam executando. Há certas atividades em que as crianças se empenham e para as quais, absolutamente, não precisam do adulto, como por exemplo; construção com blocos, que as crianças fazem sem outro objetivo que o de construir e demolir, fazer, desfazer e refazer.

Quando atingem 4 e 5 anos, aparecem espontaneamente os jogos de imitação das profissões dos adultos. Vai-se brincar de ser

pai, mãe e bebê, ou de médico e enfermeira, vai-se ser garagista. Imitam o que veem acontecer ao seu redor.

Nas classes grandes, são organizadas, na França, pequenos ambientes - cantinho de cozinha, cantinho de pintura, cantinho para brincar de casinha - para preservar uma certa intimidade na atividade da criança, que lembre a intimidade do próprio lar.

A partir dessa idade, as crianças não brincam mais sozinhas; elas preferem brincar em grupo.

Vemos, assim, surgirem espontaneamente diálogos que devem ser aproveitados para o desenvolvimento do vocabulário, da linguagem.

Os jogos com regras só são possíveis a partir de 5 anos. São jogos organizados, como o esconde-esconde, o lenço-atrás, etc. Dá-se a informação sobre as regras do jogo antes do início, sendo que a obrigação de observá-las vai criando um determinado senso de código para as crianças.

Naturalmente é necessário tentar organizar o equipamento da classe para fornecer às crianças os elementos de que necessitam.

Há necessidade também, de terrenos abertos, para jogos ao ar livre.

Em Copenhagem, a entrada, para estes campos de jogos, é livre, as crianças vão quando querem. À entrada há uma casa com um educador, além de material, que as crianças vão pegar para suas brincadeiras, conforme sua vontade.

Nesses campos, as crianças constroem verdadeiras cidades em miniatura; fazem casas, ruas e até mesmo uma prisão elas colocam. Organizam-se, cada qual desempenhando, por determinado tempo, uma função e surge, dessa maneira uma pequena sociedade formada livremente, onde as próprias crianças se encarregam de manter a ordem e a segurança.

Nos arredores de Londres há um campo de jogos "para aventura" onde as crianças construiram uma cêrca ao redor do campo, para impedir a entrada e mesmo a visão do terreno, pelos adultos. O encarregado do campo observa que não há mais vidraças quebradas nem brigas com os vizinhos, desde a instalação do campo.

No campo, os jogos, à medida que as crianças crescem, se organizam e são explorados educativamente pelo professor, sobretudo na área de, **linguagem:** elas devem dar nome aos objetos e às ações e assim vão enriquecendo seu vocabulário com verbos substantivos e adjetivos adequados.

Naturalmente deve-se pensar nos jogos chamados educativos, que são aplicados a todas as disciplinas da escola maternal. Estes também já preveem o desenvolvimento do vocabulário: cores, tamanhos, formas e jogos de seleção.

Deve-se ter sempre caixas de material para seleção: contas e sementes de cor, grossura, tamanho e formato diferentes, para qual a criança selecione. Pode-se simplesmente enfiar as contas, mas em etapas mais adiantadas, a criança vai **respeitar** a ordem de cores, de tamanhos, de formatos, etc.

Com as crianças de 5 anos, a variedade de jogos é muito maior. Já podemos utilizar dramatizações, onde as crianças representam estórias e para cuja representação cada uma desempenha um papel, sendo importante observar que a mesma criança não deverá desempenhar sempre o mesmo papel.

As crianças não têm necessidade de fantasias para estas dramatizações; cada animal, para se fazer reconhecer, tem seu grito ou um simples detalhe, como uma orelha comprida, ou um rabo, ou focinho, etc. É preciso que se conte, sempre, com o **poder** de imaginação da criança.

Há também os jogos com fantoches, que podem ser manipulados pelas próprias crianças, que criam para o personagem uma estória e uma voz. Isso ajuda a libertar as crianças. Uma criança tímida, que não gosta de representar, quando usa fantoches, e está atrás da cortina do teatrinho, fala livremente, usando a personagem.

Para fazer falar uma criança que se fecha no mutismo, nada melhor do que os fantoches. E para libertar um grande tímido, podemos usar também **a máscara**. A criança, quando se esconde atrás de uma máscara, tem a impressão de que não é mais vista, e isto a liberta para se exprimir. Essas brincadeiras são chamadas, por isso, jogos de expressão, jogos liberadores.

Transcrito da gravação, sem revisão da conferencista.

A.C.

M. nº 82 do Exp.de Ed.101.

EXERCÍCIOS SENSÓRIO-MOTORES

Falaremos hoje sobre os exercícios sensório-motores, que são muito importantes.

Para ilustrar, trouxemos um filme, em que esses exercícios são feitos com acompanhamento musical. Porém, antes de o exibirmos, faremos alguns comentários.

Primeiramente, não nos esqueçamos que o piano deve ser colocado de tal modo a permitir que a professora toque e veja as crianças ao mesmo tempo. É o que acontece na França, onde a professora da Escola Maternal necessita fazer tudo sozinha. Mas, antes do piano, geralmente ela se utiliza do tamborim que é de mais fácil aquisição e manuseio.

Observando-se as várias cenas do filme, verifica-se que a maioria das crianças reage espontaneamente à música, com gestos e movimentos diferentes. E, do que dependem essas diferenças? Do sexo? Da idade? Não sabemos.

Assim, numa cena, vê-se crianças de 3 a 5 anos, entretidas com jogos diversos. A professora, sem ser observada, põe, um disco em movimento. As reações das crianças são as mais variadas. Umas continuam jogando como se não houvesse nada diferente; outras também jogam mas, acompanham o ritmo da música, batendo os pezinhos; algumas acompanham a música, batendo palmas e há as que se põem a dançar.

Já dissemos que existe uma diferença entre os meninos e as meninas. Estas, do ponto de vista de motricidade, são mais precoces.

Em outra cena, as crianças , formando uma roda, são observadas atentamente pela professora, que está ao piano. Ela quer verificar se todas estão acompanhando exatamente o ritmo da música. De repente, uma pequerrucha de 2 anos e meio infiltra-se na roda. Apesar de não poder acompanhar a música, deixam-na ficar.

Essa professora, em seguida, pega o tamborim, no que é observada por todas as crianças. Utiliza, então, um ritmo mais ou menos rápido a fim de que as crianças o acompanhem. Com o auxílio

do metrônomo marca a velocidade - 140, 100,40 batidas por minuto. Verifica, assim, que a marcha rápida é bem mais fácil de ser acompanhada do que a lenta. E, para as crianças aprenderem, repete o ritmo mais lento, depois mais rápido etc.

Tanto na França como aqui, existem escolas de bailado, com métodos rítmicos especiais, porém, o filme não foi feito sobre um método particular. O que se tenta mostrar são exercícios básicos, válidos para qualquer método. De início, é preciso que as crianças tenham boas atitudes, que aprendam a distinguir os lados direito e esquerdo, que saibam qual a mão direita e a esquerda bem como colocar as mãos à cintura, aos ombros, etc.

A professora não deve executar os movimentos com as crianças, pois o exercício consiste exatamente em verificar como elas reagem à música. Poderá, isto sim, antes do início do exercício, mostrar como devem ser feitos esses movimentos; em seguida deverá omitir-se e observar apenas.

Já sabemos que uma das primeiras coisas que qualquer professora da EM deve saber fazer é observar, porque inicialmente as crianças fazem exercícios livres, como bem desejam. Apesar de, na época atual estarem na moda a liberdade e os métodos permissivos da Pedagogia não diretiva, sabemos que a educação consiste em orientar, para que se faça cada vez melhor aquilo que se pede. Baseia-se ela, na ordem, na capacidade do domínio de si mesmo, para que haja progresso. E tudo isso, só pode ter uma base sólida no esforço dispendido, que deve ser feito pela própria criança, a fim de vencer suas dificuldades, o que traz satisfação e leva ao sucesso.

Se de início, as crianças forem solicitadas a fazer qualquer exercício, logo aparecem dois grupos — o dos fortes, mais capazes e o dos fracos.

Na França, quando esses grupos se definem, orienta-se o grupo mais fraco no sentido de observar os elementos do grupo mais forte. E, aqui é interessante notar como os mais fracos observam, com grande atenção, os movimentos efetuados pelas crianças do grupo mais forte, o que não aconteceria se eles fossem feitos pela professora. Um movimento bem feito por uma criança é mais facilmente imitado por outra

criança do que se fosse feito por um adulto.

Também no plano afetivo isso é importante. Se uma criança faz algo bem feito, a outraencoraja-se a fazê-lo também. Dirá de si para si "se ela fez, eu também faço".

Mas, se no grupo houver uma criança nada dotada, incapaz de executar qualquer movimento por si só, a intervenção da professora será necessária, para auxiliá-la a fazer, ao menos, alguma coisa.

Para atender às necessidades da filmagem, aparece no filme, apenas um pequeno grupo de crianças, apesar de cada classe da Escola Maternal, na França, contar com 30 a 35 crianças. Em situação real, a professora poria um grupo sentado, observando, enquanto trabalharia com o outro.

Devemos dizer que as cenas do do filme representam uma série de exercícios feitos durante o ano, exercícios esses que demorariam, com certeza, um determinado período para serem aprendidos.

Passaremos agora a exibição do filme, certa de que ele não trará muitas novidades, mas permitirá reflexão e discussão construtiva, que é o que nos interessa.

CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO

Hoje será o nosso último encontro e, assim sendo, estaremos à disposição de todos, para esclarecer as dúvidas que, por ventura, possam existir, no tocante àquilo que foi, por nós, aventado nos dias anteriores.

Inicialmente devemos dizer que nos foi feita a seguinte pergunta: "qual o conteúdo programático ideal, para as classes pré-escolares?"

E, a nossa resposta, que talvez cause estranheza, é: a Escola Maternal, na França, orgulha-se em não ter um programa determinado, pois o professor, muitas vezes, preso a ele, deixa de auxiliar, como deveria, o desenvolvimento da criança, em termos biológicos, psicológicos e sociais, que é a finalidade precípua dessa Escola.

Como já esclarecemos em outra oportunidade, o professor da Escola Maternal deverá ter recebido formação específica e possuir os requisitos necessários para reger sua classe, a fim de propiciar os meios que levem a criança ao desenvolvimento integral desejado.

Esse professor deve utilizar tudo que lhe for possível, não só com relação ao material fabricado para esse fim, como também os fornecidos pela natureza, que são bem mais baratos... E aqui, devemos lembrar que os canteiros de flores e verduras são de grande importância, por darem a possibilidade de a criança poder acompanhar o crescimento de um vegetal.

Reportar-nos-emos, agora, à música que, talvez, não tenha sido tratada anteriormente, com a devida atenção.

Deve-se ensinar a criança, ainda pequenina, como ouvir uma música melodiosa e lenta, que exige bastante silêncio; somente, desse modo, poderá sentí-la. Também, as músicas de autores clássicos devem ser ouvidas a fim de que ela (criança) aprenda a apreciar o belo na sua amplitude. Deve ainda aprender a cantar, usando a voz na tessitura adequada. Ela deverá acompanhar não só a música como também o rítmo, o que é muito importante.

Quanto à poesia, deve ser lida com entonação de voz adequada, mesmo que a criança não possa memorizá-la, para refinar-

lhe o gosto e fazê-la sentir o que é verdadeiramente belo.

Todo o material de artes plásticas deve ser posto à disposição da criança, naturalmente, dentro da disponibilidade da escola e da própria criança. Esse material necessita ser bem variado, de cores e tamanhos diversos, para atender ao interesse da criança.

Deve-se tirar proveito das estações climáticas que permitem sejam levadas, para a classe, flores diversas, na primavera e frutos diferentes, no outono. Assim, a criança poderá reconhecer, por meio deles, as cores, as formas, os tamanhos, a textura etc.

Desse modo, pela observação das coisas, procura-se fazer com que a criança tenha respostas objetivas sobre o que vê permitindo automaticamente o desenvolvimento da linguagem.

É pois necessário que a criança olhe, apalpe, experimente... aquilo que se deseja que ela conheça, desenvolvendo, desse modo, seu espírito de observação.

Exemplificando, daremos uma experiência muito interessante, feita com crianças de 5 a 6 anos. - Numa classe foi apresentado, pela professora, um ramalhete de flores vermelhas e, a cada criança, que demonstrou interesse pelas flores, foi oferecida uma pétala.

Em seguida, a professora solicitou que cada uma procurasse, na "caixa das cores", a cor correspondente a da pétala.

Foi interessante notar como essas crianças procuraram primeiramente observar com mais atenção a pétala que lhes pertencia. Verificaram, então, que ela não era somente vermelha, pois havia um tom amarelado na base e um tom azulado, na outra extremidade. Tiraram, da caixa, exatamente as cores correspondentes ao que tinham observado.

Daremos outro exemplo: - Numa classe, depois de a professora mostrar, aos alunos, duas folhas de hera, uma velha, mais escura e outra nova, bem clara, pediu que as crianças as desenhassem e pintassem num papel branco. As crianças também notaram, com facilidade, as diferenças, demonstrando já conhecerem determinadas combinações de cores, pois, para a folha velha juntaram azul ao verde enquanto que, pa

ra a folha nova, usaram a combinação do verde com o amarelo.

É interessante que se chame a atenção do professor no seguinte - ele jamais deverá repreender ou apontar como erro, quando uma criança pinta as folhas de uma planta com azul, ou uma rosa com marron; ela terá o direito de inverter a natureza para ir ao encontro de seus devaneios.

Quanto à observação, há duas atitudes - uma é a observação científica, que consiste em procurar a cor correspondente àquilo que se desenha e a outra será a de permitir a criatividade.

A curiosidade da criança deve ser sempre usada e, nunca abafada. Assim, quando vemos seu interesse nos números, para conhecer a chapa do carro do papai e nas letras, para ler as propagandas dos grandes cartazes, devemos auxiliá-la.

A palavra aula deve ser riscada e proibida na Escola Maternal. As atividades, serão desenvolvidas de acordo com o interesse das crianças.

Relativamente à Educação Moral, ela deve ser ministrada apenas com exemplos, estórias, etc... É necessário dar-se noções —— de respeito a si mesmo e aos outros, de auxílio mútuo, de não dever apropriar-se das coisas alheias, de interessar-se pelo outro, de repartir aquilo que mais gosta.

Não nos esqueçamos que, à Escola Maternal, cabe dar as primeiras noções de polidez; fazendo a criança dizer "muito obrigado", "por favor", "com licença", etc., nas ocasiões oportunas. Mais tarde, esse aprendizado passará a ser um hábito e jamais será esquecido

A professora da Escola Maternal deverá ficar sempre numa posição de poder observar o conjunto da classe, para intervir, quando for necessário.

Esperamos assim ter complementado, ainda que suscintamente, nossas conferências anteriores.

Aproveitamos a oportunidade, para dizer que o material didático que trouxemos, ainda que reduzido, será oferecido à A P E P (Associação Paulista de Educação Pré-primária), por intermédio de sua Presidente, Profª. Diva Francisca Sgueglia que, temos certeza, colocará à disposição de quem estiver interessado.

Que, nós professores de educação pré-primária, continuemos sempre dispostos a trabalhar em favor do pré-escolar, para permitir seu desenvolvimento quanto aos aspectos físico, emocional, intelectual e social, a fim de que prossiga, com facilidade, no curso primário.

Esperando revê-los um dia, o nosso "muito obrigada".

Transcrito da gravação, sem a revisão da conferencista.

A.C.

B I B L I O G R A F I A

I - Collection L' Education Enfantine dirigée
por Suzzane Herbiniére Lebert

1 - Comment faire? ... é éducation rythmique
M. Abbadie et. M. Madre

2 - Comment faire? ... Les exercices graphiques
G. Calmy

3 - Comment faire? ... é éducation motrice
J. Camus, A. Delacour

4 - Comment faire? ... é éducation musicale
A. Colley

5 - Comment faire? ... vivre les marionettes
à l' école maternelle
J. Joubert

6 - Comment faire? ... les exercices sensoriele
Y. Le Roch

7 - Comment faire? ... é éducation phisique
avec les enfants de quatre à sept ans.
F. Campon, J. Lieutaud

8 - Comment faire? ... é apprendissage du calcul avec les enfants
de quatre e sept ans.
R. et. M. Fareng

9 - Comment faire? ... Les exercices de langage
A. Andraud

10 - Comment faire? ... Les activités mathematiques à l' école Maternelle
M. A. Touyarout

11 - Comment faire? ... é apprentissage de l' Anglais avec les enfants de trois a sept ans.
S. et. J. Grillot

II - Cherche e Trouve —— S. Herbiniére Lebert
Exercices graphiques d' Attention

A.C.